DOCUMENTO HISTÓRICO
PLACAR
Editora Abril
N.º 1055 – Cr$ 400,00
DEUTSCHER FUSSBALL BUND
ALEMANHA CONQUISTA O MUNDO
FLAMENGO LEVA A COPA DO BRASIL
CAMPEÕES 90
TUDO SOBRE OS GRANDES TÍTULOS DO ANO
Confiança
Bragantino
Grêmio
Cruzeiro
ABC
Remo
Santa Cruz
Auto Esporte
Tiradentes (PI)
Juventus (AC)
Vitória
Corinthians
Ceará
Criciúma
Colatina
Ubiratan
CSA
Atlético (PR)
Botafogo
Goiás
CORINTHIANS
O BRASIL É ALVINEGRO
GRÁTIS
POSTERS GIGANTES DE FLAMENGO E CORINTHIANS
SUPERPOSTERS: BOTAFOGO, GRÊMIO BRAGANTINO E CRUZEIRO
POSTERS DE TODOS OS CAMPEÕES

UMA GRANDE ATRAÇÃO A CADA MÊS

Como promessa é dívida, 1990 termina com mais uma edição de PLACAR, a dos campeões do ano.

Depois da revista que comemorou o cinqüentenário do Rei Pelé — e que esgotou rapidamente nas bancas do país —, este novo lançamento comemora as grandes conquistas da temporada. Do Botafogo, que desandou a ganhar, legítimo bicampeão carioca, reeditando os tempos áureos de Mané Garrincha, Didi e companhia, ao Corinthians, formidável campeão brasileiro pela primeira vez. Passando, é claro, pelo surpreendente Bragantino, pelo acostumado Grêmio, pela grande Alemanha tricampeã e pelo Flamengo, que, só para não perder o hábito, já conquistou uma Copa do Brasil.

PLACAR saúda todas as torcidas campeãs, rubro-negras, como as do Vitória e do Atlético Paranaense; tricolores, como a do Santa Cruz; ou azuis, como a do Cruzeiro.

E parabeniza, especialmente, todos os amantes do esporte mais popular do país, porque, a partir deste próximo mês de janeiro, e durante todo o ano de 1991, PLACAR estará mensalmente nas bancas do Brasil. Sempre com uma edição especialmente feita para os leitores que a elegeram nos últimos vinte anos como a bíblia do futebol.

Viva, campeão!

Juca Kfouri

SUMÁRIO

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretor-Presidente: Roberto Civita
Diretores: Angelo Rossi, Edgard de Sílvio Faria, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, Placido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

DIVISÃO REVISTAS
Diretor: Thomaz Souto Corrêa
Diretores de Área: Eduardo Frezza, Miguel Sanches, Oswaldo de Almeida, Ricardo Vieira de Moraes, Roberto Dimbério, Vanderlei Bueno

Diretor-Gerente: Mário Escobar de Andrade
Diretor Editorial Adjunto: Carlos Costa
Diretor de Arte Adjunto: Carlos Grassetti

REDAÇÃO
Redatores-Chefes: Alfredo Ogawa e Álvaro Almeida
Editor: Divino Fonseca (colaborador)
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Editores de Arte: Afonso Grandjean e Walter Mazzuchelli (colaboradores)
Diagramadores: André Luiz Pereira da Silva, José Jonas de Lima, José da Luz Tenório, José Dionísio Filho
Secretários de Produção: José Batista de Carvalho, Renê Santos Filho
Preparador de Texto: Ronaldo Barbosa da Silva
Produção: Sebastião Silva

Sucursal
Rio de Janeiro: Martha Esteves (repórter), Marco Antônio Cavalcanti (fotógrafo)
Colaboradores: Lemyr Martins, Sérgio Sade

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni
Escritório Nova York: Dorrit Harazim (gerente), Frances Furness (assistente)
Escritório Paris: Pedro de Souza (gerente), Alvaro Teixeira (assistente)
Buenos Aires: Odillo Licetti (correspondente)
Departamento de Documentação - Gerente: Susana Camargo
Serviços Fotográficos - Diretor: Pedro Martinelli
Automação Editorial - Gerente: Júlio Bartolo

PUBLICIDADE
Diretor: Meyer Alberto Cohen
Gerentes: Paulo D'Andréa (SP), Aldano Alves (RJ)
Contatos: Arnaldo Dratwa, Ronaldo Dimas Lipparelli, Selma F. Souto (SP); Andrea Veiga, Jussara Vilela, Marcela B. Martins, Maria Emília Albuquerque, Maria Luciene R. Lima, Ricardo Rohloff (RJ)

Diretores Regionais: Angelo A. Costi (Região Centro); Elcenho Engel (Região Sul); Geraldo Nilson de Azevedo (Região Nordeste)
Escritórios Regionais: Valter Cruz Gonçalves (Belo Horizonte); Gilberto Amaral de Sá (Brasília); Abel Augusto (Campinas); Lilica Mazer (Curitiba); Francisco Gorgonio (Florianópolis); A. Simone R. Souto (Fortaleza); Rosangela Isoppo da Cunha (Porto Alegre); Silvio Provazzi (Recife); Elizabeth Silveira (Salvador)
Representantes: Fênix Propaganda (MT); Intermidia (Ribeirão Preto); Luca Consultoria de Comunicação e Marketing (MS); Multi-Revistas (PB e RN); Vallemidia - Representações e Publicidade (São José dos Campos); Via Goiânia (GO)

PLANEJAMENTO E MARKETING
Gerente de Planejamento e Controle: Carlos Herculano Ávila
Gerente de Produto: Reynaldo Mina

ASSINATURAS
Diretor de Operações: Ignácio Santin
Diretora de Serviços ao Assinante: Rugênia Maria Pomi

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes

Placar é uma publicação semanal da Editora Abril S.A. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP — Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante**: (011) 823-9222

ANER

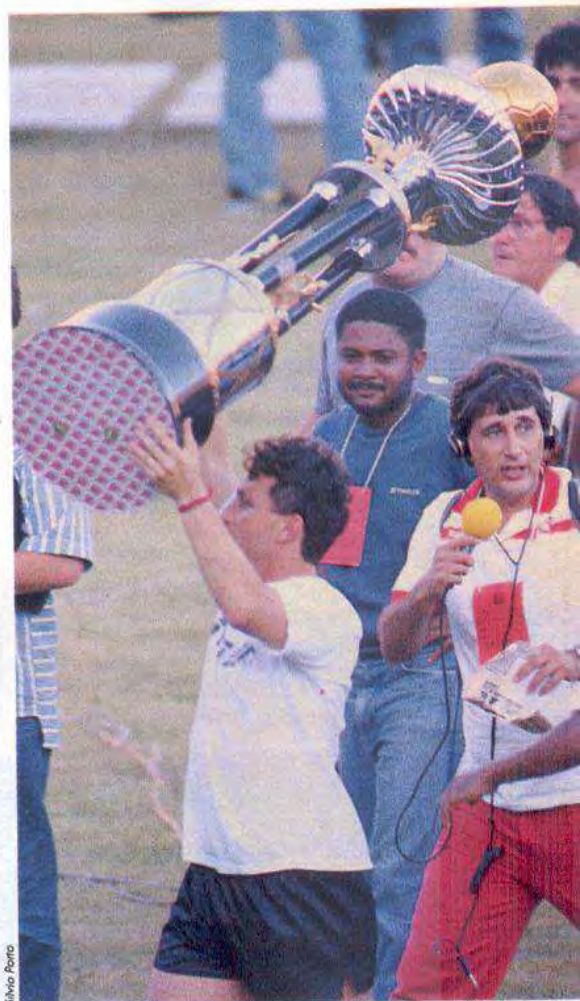
IMPR. NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

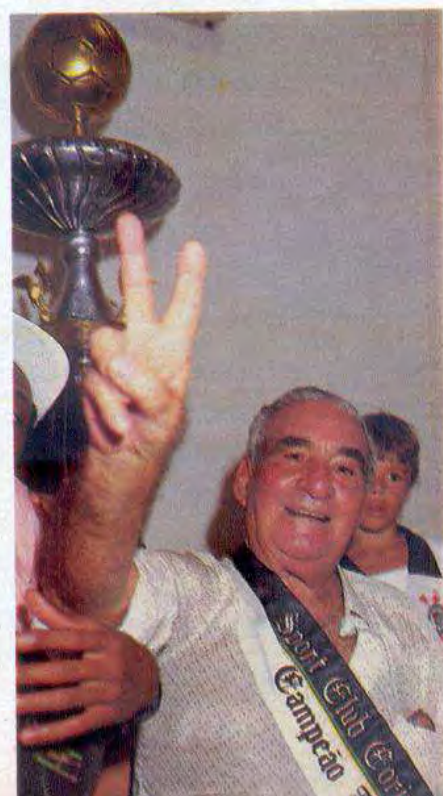
ÉS DO BRASIL O CAMPEÃO BRASILEIRO

Um título marcado pela garra e paixão de uma torcida

O Corinthians sempre foi tão grande que o Brasil era pequeno. Como no poema de Fernando Pessoa que diz que "o rio que passa na minha aldeia é mais bonito que o Rio Tejo, porque o Rio Tejo não é o rio que passa na minha aldeia", os corintianos pareciam dar mais importância ao título estadual que ao nacional, tanto que ganharam vinte vezes o Campeonato Paulista. Pareciam.

Ser campeão brasileiro, na verdade, era um sonho que, por pura esperteza, a Fiel fingia desdenhar. Foram dezenove anos de tentativas, apenas uma quase bem-sucedida. Em 1976, quando, depois de fazer a maior invasão já vista na história do futebol mundial —

Daniel Augusto Júnior

Sílvio Porto

O toque oportunista do pequeno Tupãzinho na decisão contra o São Paulo *(ao lado)* foi o início da alegria corintiana: ainda no gramado, o craque Neto levanta a taça e mal consegue dar a volta olímpica *(acima)*; no vestiário, o presidente Vicente Matheus faz o V da vitória *(abaixo)*

Nelson Coelho

70 000 corintianos tomaram o Maracanã para derrotar o Fluminense na semifinal —, o Timão tombou diante do Internacional no Beira-Rio.

Se times comandados por Rivelino, por Sócrates não conseguiam o tal título brasileiro, não seria uma equipe comandada por Neto que conseguiria. Mais um bom motivo para não dar muita bola, limitando-se a evitar o vexame de cair para a Segunda Divisão.

E nada indicava ser outro o destino alvinegro ao começar o campeonato de 1990. Foram duas derrotas seguidas, uma quase humilhante no Olímpico para o Grêmio — 0 x 3 — e outra no Pacaembu para o Cruzeiro, pela contagem mínima. É justo dizer que o time estava todo no bagaço, pois acabara de ser eliminado nas semifinais do Paulistão, competição que havia atravessado com apenas uma derrota, exatamente na estréia, diante do Noroeste. Mas, assim mesmo, tudo levava a crer que a luta corintiana se limitaria a evitar o rebaixamento.

De repente, não mais que de repente, porém, surgiu o santo que faria o milagre da multiplicação dos pés. Eram 22 que as regras permitiam? Pois teriam de se transformar em 44. Ou quase.

Chegou o técnico Nelsinho para ressuscitar o Corinthians no terceiro jogo, um providencial empate diante do Vitória, ainda sem gols, mas em Salvador.

Ali o time mostrou um pouco do que viria a ser sua marca registrada: luta, ocupação dos espaços, humildade, consciência.

O quarto jogo, no entanto, era decisivo. Menos pela tabela, mais pelo adversário, o velho rival Palmeiras. Neto fez o primeiro e Wílson Mano o segundo gol de uma bela vitória, prenúncios de que ambos seriam personagens de uma das mais belas páginas da história alvinegra.

Os 44 pés de Nelsinho eram uma impossibilidade prática. Primeiro, porque a estrela Neto só tem um pé, o esquerdo. E, depois, porque mesmo este pé se dedica pouco ao trabalho duro, é mais chegado à arte. À arte de fazer gols.

"O Corinthians tem dez jogadores e um batedor de faltas", dizia o torcedor irritado com a apatia de Neto, o mesmo torcedor que, depois, ficou maravilhado diante do tamanho do Brasil *(leia o quadro da pág. 16)*.

Daniel Augusto Júnior

O ARTILHEIRO

NETO jamais marcou um simples gol. As nove vezes em que balançou as redes adversárias tiveram a marca do craque. Todas elas foram decisivas na campanha corintiana. José Ferreira Neto chega aos 24 anos como o jogador mais polêmico do futebol brasileiro. Ídolo da Fiel, dono de frases cortantes, o camisa 10 ganha partidas com suas cobranças de falta, mas também participa pouco do jogo coletivo. Não é por acaso que o meia caiu nas graças do presidente Vicente Matheus e só sairá do seu Corinthians de infância para jogar na Europa.

A raiva *(à dir.)* e a técnica que o craque Neto colocou em cada partida levaram a Fiel ao delírio *(à esq.)* depois da vitória sobre o São Paulo: bem marcado, o camisa 10 não foi tão brilhante como de costume, mas preocupou a defesa adversária *(acima)*

Daniel Augusto Júnior

Sílvio Porto

Vexame carioca

Seis vezes campeões brasileiros nos anos 80, os times cariocas fracassaram totalmente este ano e nem sequer passaram da fase de classificação. O Fluminense por pouco não foi rebaixado, o Flamengo perdeu as esperanças com três rodadas de antecedência, o Botafogo perdeu a vaga em casa para o Bragantino e o Vasco, campeão de 1989, não soube vencer o Santos em São Januário. A solução foi realizar um constrangedor quadrangular — em que o Flamengo foi substituído pelo Bangu — para evitar maiores prejuízos

Nélson Coelho

Marco Antônio Cavalcanti

1.º TURNO
Grêmio 3 x Corinthians 0
Corinthians 0 x Cruzeiro 1
Vitória 0 x Corinthians 0
Corinthians 2 x Palmeiras 1
São José 1 x Corinthians 2
Corinthians 1 x Fluminense 0
São Paulo 1 x Corinthians 1
Corinthians 1 x Inter-SP 0
Flamengo 1 x Corinthians 2
Corinthians 1 x Náutico 0
2.º TURNO
Bragantino 2 x Corinthians 2
Corinthians 0 x Bahia 0
Corinthians 0 x Portuguesa 0
Botafogo 1 x Corinthians 0
Corinthians 0 x Vasco 0
Corinthians 1 x Santos 0
Goiás 3 x Corinthians 1
Atlético 1 x Corinthians 3
Corinthians 0 x Inter-RS 3
QUARTAS-DE-FINAL
Corinthians 2 x Atlético 1
Atlético 0 x Corinthians 0
SEMIFINAIS
Corinthians 2 x Bahia 1
Bahia 0 x Corinthians 0
FINAIS
São Paulo 0 x Corinthians 1
Corinthians 1 x São Paulo 0

Ricardo Correa

"O Corinthians é melhor sem Neto do que com ele", fazia coro o comentarista da Rede Bandeirantes Mário Sérgio, por ironia um ex-craque de talento desmedido e que, também, era mais da turma do "pegar leve".

"Neto faz a diferença", discordava o jornalista Roberto Benevides em sua inteligente coluna no jornal *O Estado de S.Paulo*.

É possível que os três tenham razão. PLACAR mesmo, ainda quando semanal, em abril deste ano, estampava em sua capa: "Provado: Neto pára o Timão", para, duas semanas depois, reconhecer, também na capa: "Neto danado salva o Timão".

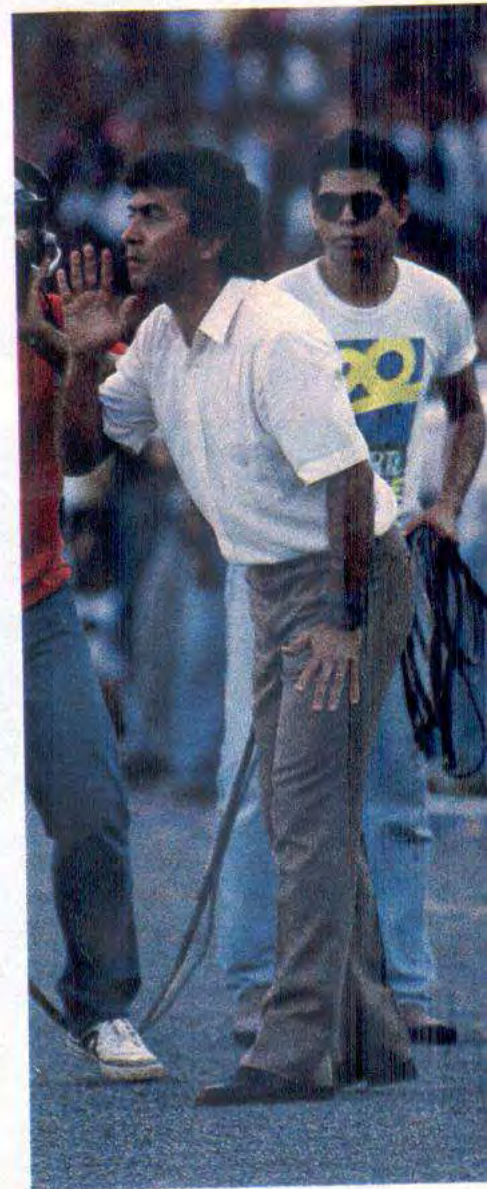
Só que Neto acabou marcando nove vezes, fez três dos cinco gols nos jogos decisivos e de seus pés nasceram outros dois. Em resumo, Neto ganhou e, com sua vitória, premiou também a admiração de Benevides.

Depois do Palmeiras, foram mais nove jogos sem derrotas, até encontrar

Vitória de quem sabe

Inteligência. Esta é a grande marca de Nélson Batista Júnior, 40 anos, um ex-lateral mediano, que teve seu ano de glória como técnico em 1990. Primeiro, conduziu sem alarde o Novorizontino ao vice-campeonato paulista. Feito maior, porém, foi o título brasileiro pelo Corinthians. Teve sabedoria na hora de definir a equipe titular, ao administrar as quedas de rendimento do craque Neto, ao melhorar as condições de trabalho em negociações com Matheus. Campeão, recebeu uma justa recompensa

Ricardo Correa

O predestinado Wilson Mano: escalado à última hora para o primeiro jogo da decisão, o volante faz 1 x 0 de joelho *(à esq.)*, inverte a vantagem adversária e explode em emoção *(acima)*; expulso na partida seguinte. Mano tratou de detonar a festa da torcida na pista *(no alto)*

ACORDA QUE O BRASIL É NOSSO!

Chegou em casa de madrugada. Tinha comemorado como devem ser festejados os títulos inesquecíveis. Foi ao quarto dos filhos. Apesar da noite quente, ambos não dormiam nus, como de costume. Estavam de camiseta. Camisetas alvinegras. Voltou para a sala e, pela primeira vez, se deteve diante do grande mapa do Brasil que há muitos anos tinha pregado na parede, com moldura requintada. "Puxa", pensou em voz alta, "nunca tinha me dado conta de como este país é grande." Durante algumas boas horas ficou parado diante do mapa. Catatônico. Ao ouvir os primeiros ruídos da segunda-feira de trabalho, chamou os vizinhos para compartilhar sua perplexidade. "Vocês já notaram como o Brasil é grande?", perguntava. Os amigos se entreolhavam surpresos, incapazes de entender o que se passava. Até que um não agüentou e devolveu. "Mas qual é a novidade nisso?" "É que somos campeões de tudo isso", respondeu. E foi dormir o sono dos conquistadores. Maravilhosamente campeão brasileiro de 1990. J.K.

o Botafogo pela frente. Um tropeço seguido por mais quatro jogos — um empate, uma derrota para o Goiás e duas vitórias — e, finalmente, outra derrota quase humilhante, para outro gaúcho, o Inter — 0 x 3 —, em pleno Pacaembu, goleada que valeu entrar em desvantagem nas quartas-de-final, semifinais e finais.

Tudo como o corintiano gosta. Aliás, gosta tanto que a média de público presente aos jogos do Timão acabou sendo superior àquela alcançada no Campeonato Paulista — 25 056 a 15 957.

Nelsinho deixava Neto brilhar e fazia, dos vinte pés restantes, quarenta. Dez cabeças que, além do mais, souberam entender que o brilho do camisa 10 assegurava o bicho da vitória e permitia que cada degrau fosse alcançado à custa do esforço coletivo.

Assim, o goleiro Ronaldo salvou o time algumas vezes. O discreto lateral-direito Giba cresceu a ponto de abandonar a discrição e fazer até um gol antológico contra o Atlético no Mineirão. O eficiente central Marcelo foi sempre dedicado e sério, bem assessorado pela boa surpresa chamada Guinei e — sempre tem um — pelo atleta de Cristo Jacenir.

No meio, Márcio. Marcial. Guerreiro, líder, numa palavra, um autêntico corintiano. Perto dele, Tupãzinho. O

O ponta Fabinho: tabela mágica com o amigo Tupãzinho

Num domingo de sol, os corintianos tomaram de assalto o Morumbi

motor do time, o pulmão, o onipresente, o autor do gol derradeiro, o *zinho* que virou Tupãzão, Biro-Biro redivivo, um pouco de Basílio, o herói do gol que acabou com 22 anos de jejum, em 1977.

E tem mais. Tem Fabinho, o ponta que jogou todas as 25 partidas, atrevido, lutador, agradecido por vestir a camisa corintiana. Tem Paulo Sérgio, habilidoso, cheio de malícia, com muito mais ainda para mostrar, grande segurador de bola. E tem até Mauro, meio zonzo, um pouco atrapalhado, como Ataliba — quem não se lembra? —, porque Corinthians não é Corinthians sem tipos assim.

Como tem Wílson Mano. Aquele do gol contra o Palmeiras. Aquele que imortalizou o centroavante Viola, na decisão do Paulistão de 1988. O Wílson Mano que joga em todas, até no gol, se o Ronaldo descuidar e o Nelsinho precisar. O Wílson Mano que fez o gol que bastava para o Corinthians ser campeão brasileiro pela primeira vez. Gol de joelho. E que joelho! Wílson Mano, irmão de todos, todos os corintianos.

Dos oitenta gloriosos anos de vida do Corinthians, quase um quarto foi de espera pelo título nacional. O Campeonato Brasileiro, é bom lembrar os descuidados, começou em 1971. Dizer que o Corinthians esperou oitenta anos pela conquista é meia-verdade semelhante a dizer que o Santos, o Botafogo e o Cruzeiro jamais ganharam o campeonato, só porque são clubes que apenas venceram a antiga Taça Brasil. Afinal, quando o Rio—São Paulo era o grande torneio nacional, o Corinthians o venceu três vezes, em 1950, 1953 e 1954.

Mas não faz mal. O Corinthians sempre foi tão grande que o Brasil era pequeno para abrigar tanta felicidade. Era.

Agora é do tamanho exato da alegria da nação corintiana, que, pensando bem, não cabe em lugar nenhum.

Juca Kfouri

A DECISÃO

SÃO PAULO 0 X CORINTHIANS 1
13/dezembro/90
Local: Morumbi (São Paulo); **Juiz:** José Aparecido de Oliveira (SP); **Renda:** Cr$ 92 979 100; **Público:** 85 463; **Gol:** Wilson Mano 4 do 1.º.
SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ivan e Leonardo; Flávio, Bernardo e Raí; Mário Tilico (Alcindo), Eliel e Elivélton. Técnico: Telê Santana.
CORINTHIANS: Ronaldo, Giba, Marcelo, Guinei e Jacenir; Márcio (Ezequiel), Wilson Mano, Tupãzinho e Neto; Fabinho (Marcos Roberto) e Mauro. Técnico: Nelsinho.

CORINTHIANS 1 X SÃO PAULO 0
Local: Morumbi (São Paulo); **Juiz:** Edmundo Lima Filho (SP); **Renda:** Cr$ 106 347 700; **Público:** 100 858; **Gol:** Tupãzinho 9 do 2.º.
CORINTHIANS: Ronaldo, Giba, Marcelo, Guinei e Jacenir; Márcio, Wilson Mano, Tupãzinho e Neto (Ezequiel); Fabinho e Mauro (Paulo Sérgio). Técnico: Nelsinho.
SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ivan e Leonardo; Flávio, Bernardo e Raí (Marcelo); Mário Tilico (Zé Teodoro), Eliel e Elivélton. Técnico: Telê Santana.

CORINTHIANS

Campeão brasileiro 1990

Em pé: *Giba, Jacenir, Marcelo, Guinei, Márcio e Ronaldo;* agachados: *Fabinho, Wílson Mano, Tupãzinho, Neto e Mauro*

Ricardo Corrêa

O FUTEBOL DERROTA A MEDIOCRIDADE

O título da equipe que uniu força e habilidade

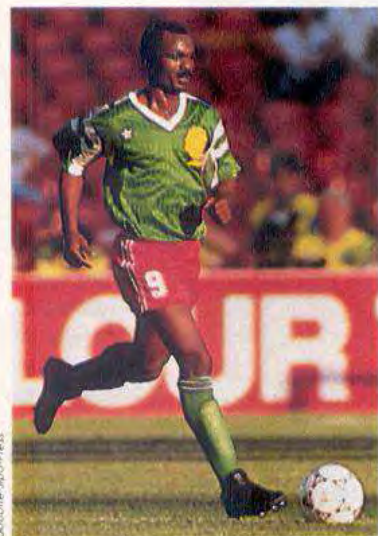
O futebol está salvo, a Alemanha é tricampeã. Exagero? Claro, do tamanho da supremacia dos alemães sobre seus adversários na Copa. Não fosse esse estilo de jogo devastador, o Mundial, que se desenhou fantástico, seria marcado pela frustração. Afinal, a Itália era — e é — o país dos craques, que brilham em seus clubes mas decepcionam nas seleções. Felizmente, o apoio criativo de Brehme, as fulminantes arrancadas de Matthäus e o oportunismo dos goleadores Völler e Klinsmann trataram de corrigir as versões futuras. Venceu o que o futebol dos anos 90 tem de melhor: a habilidade, aliada em doses exatas a objetividade, força e disciplina tática.

Uma poção que o técnico Franz Beckenbauer levou quase oito anos para desenvolver. Em 1986, na decisão contra a mesma Argentina, nenhuma magia poderia quebrar o encanto de Maradona. Mas naquela tarde de 8 de julho, no Estádio Olímpico de Roma, não havia mais lugar para feitiços. Certamente por isso o sem-

Fotos Yasaki Kiichi

O centroavante Völler cai na área *(acima)* e Edgardo Codesal marca pênalti: depois de muita discussão, o ala Brehme mostra a categoria de sempre *(à dir.)* e faz 1 x 0

A euforia dos alemães com o gol aos 40 minutos do segundo tempo contrasta com o desespero dos argentinos: justiça numa final onde apenas um time quis jogar

Godofredo Sipa-Press

Show de Camarões

O segundo time de todos nós. Assim pôde ser definida a Seleção de Camarões, com seu futebol habilidoso e romântico. Liderados pelo veterano Roger Milla, de 38 anos, eles derrotaram potências como a Argentina e a Romênia. Só perderam nas quartas-de-final para a Inglaterra, na prorrogação. De qualquer maneira, fizeram história

pre sério e exigente Beckenbauer explodiu numa festa juvenil assim que o mexicano Edgardo Codesal apitou o final de Alemanha 1 x Argentina 0. O *Kaiser* (imperador, em alemão) cumpriu sua trajetória, conquistou o tri e ficou à vontade para passar o comando da seleção a Vogts, seu auxiliar e ex-companheiro da Copa de 1974. "Nem queria este título para mim, mas para os jogadores, que se esforçaram para consegui-lo", confessou com a habitual franqueza. "Eu já tenho muitos."

A conquista, é bem verdade, teve a marca do técnico do início ao fim. "A partida contra a Iugoslávia determinará nossas chances", dizia antes da estréia no Grupo D. Beckenbauer estava preocupado com o fraco rendimento nos amistosos que antecederam o Mundial. Mais que os 4 x 1 do primeiro jogo, o apetite ofensivo da Alemanha serviu como um aviso. "Viemos para ganhar e vamos ganhar", sentenciou. Afirmação que seguramente poderia ser considerada uma imprudência, um excesso. Exagerada era, isso sim, a rapidez com que os alemães partiam para o ataque, co-

Pedro Martinelli

Fracasso canarinho

Com potencial para mostrar muito mais, a Seleção Brasileira naufragou com o esquema medroso do teórico Sebastião Lazaroni. O nono lugar foi a pior colocação desde 1966. As lesões dos goleadores Bebeto e Romário, aliadas à má fase de Careca *(acima)*, diminuíram o poder de conclusão da equipe eliminada pela Argentina

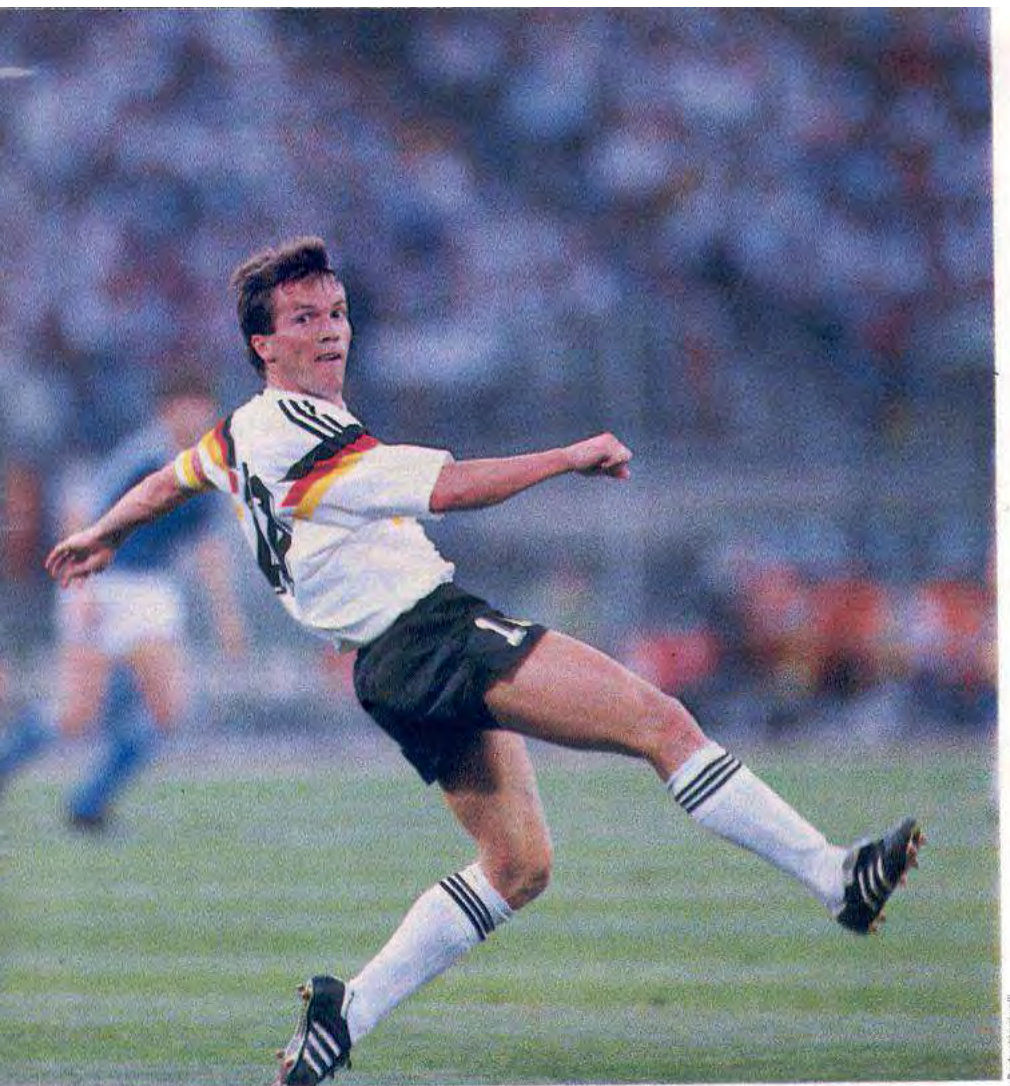
Pedro Martinelli

As arrancadas fulminantes do líder Matthäus *(acima)* tinham em Klinsmann *(18)* e Völler *(à esq.)* dois finalizadores perfeitos: com eles, a Alemanha jamais deixou de jogar no ataque durante o Mundial

Pedro Martinelli

Yasoki Kiichi

O choro do rei

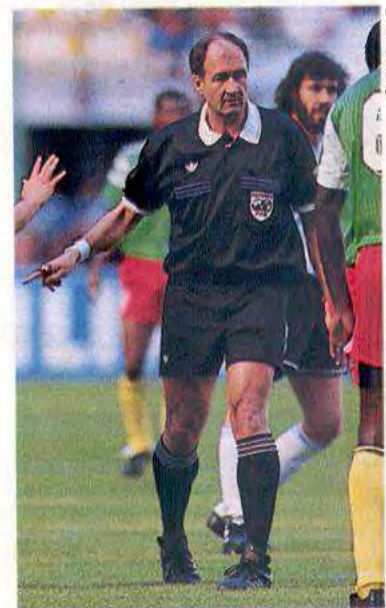
Maradona estava longe de ser o mesmo craque de 1986, mas em nenhum momento perdeu a majestade. Sem condições físicas e com uma parceria pior, conseguiu chegar ao vice-campeonato criando polêmicas, confusões, colocando a mão na bola ou fazendo jogadas isoladas, como a que desclassificou o Brasil. No final, chorou

mandados pelo camisa 10 Lothar Herbert Matthäus *(veja "O artilheiro" na pág. 17)*.

O estrago sobre os iugoslavos foi seguido de outro passeio: 5 x 1 nos Emirados Árabes. As primeiras dificuldades somente apareceram quando a equipe já estava classificada para a fase seguinte. Num dos melhores jogos do campeonato, os alemães empataram em 1 x 1 com os colombianos. Mais do que a surpresa do resultado — justíssimo —, o empate denunciou um perigo: a fragilidade da defesa. Em todas as partidas, mesmo contra adversários mais frágeis, a Alemanha sofreu um gol. Vigorosos, Buchwald, Kohler e Augenthaler se perdiam na hora do combate isolado.

Uma característica nada agradável para quem enfrentaria nas oitavas-de-final a Holanda. Antes da Copa, muitos apostavam que essa seria a decisão, mas a péssima atuação dos "Laranjas" na primeira fase determinou o confronto prematuro. Mesmo que Van Basten, Gullit e Rijkaard nada tenham mostrado contra Inglaterra, Eire e Egito, os craques holandeses poderiam desencantar e liquidar com os planos alemães. Novamente prevaleceu o conjunto acertado do time de Beckenbauer; o cruel cruzamento acabou por impedir a reação da Holanda.

O caminho alemão ainda teria mais pedras. O adversário das quartas-de-final era a Tchecoslováquia do goleador Skurhavy. Os tchecos vinham de uma goleada de 4 x 1 sobre a Costa Rica, uma retranca que eliminou os suecos e que os brasileiros sofreram para superar. Milão, porém, estava toda preta, amarela e vermelha. Num ambiente tão favorável, surpreendia também a seriedade do time de Beckenbauer. Mantendo o mesmo ritmo dos jogos anteriores, chegaram ao 1 x 0 — gol de pênalti de Matthäus.

Cotados definitivamente como os grandes favoritos ao título, os alemães se transferem para a próxima Turim dispostos a manter a incrível média de estar presente em uma a cada duas finais — a Alemanha disputou doze Copas, seis decisões (1954/66/74/82/86/90). Do outro lado, porém, estavam os ingleses, para quem perderam em 1966. Uma equipe que começara o campeonato sem muito brilho, mas que aos poucos foi revelando o bom futebol de jogadores como o ala Wright e os meias Platt e

Pedro Martinelli

Apitos desafinados

Os erros das arbitragens durante o Mundial superaram o nível aceitável. O francês Michel Vautrot *(acima)* quase estragou a partida de abertura entre Camarões e Argentina, o uruguaio Juan Cardelino marcou um pênalti inexistente. E até o mexicano Edgardo Codesal foi muito criticado pela atuação na decisão de 8 de julho

O herói italiano

Pedro Martinelli

Até marcar o primeiro gol pela *Azzurra*, minutos depois de ter entrado no lugar do titular Carnevale, na estréia contra a Áustria, o atacante Schillaci não passava de uma piada para os torcedores. Afinal, como um "baixinho" de 1,75 m poderia manter viva uma das melhores armas dos italianos: as conclusões de cabeça? Pois este siciliano garantiu a primeira vitória com uma cabeçada, abriu caminho sobre os tchecos com outra e logo se tornou a grande revelação da Copa. Foi o artilheiro da competição, com seis gols, e deu origem a uma verdadeira mania: a "Schillacimania". Apelidado de Totó, ele ganhou respeito, a posição no time de Azeglio Vicini e virou herói nacional

A CAMPANHA

FASE DE CLASSIFICAÇÃO
Alemanha 4 x Iugoslávia 1
Alemanha 5 x Emirados Árabes 1
Alemanha 1 x Colômbia 1
OITAVAS-DE-FINAL
Alemanha 2 x Holanda 1
QUARTAS-DE-FINAL
Alemanha 1 x Tchecoslováquia 0
SEMIFINAL
Alemanha 1 (4) x Inglaterra 1 (3)
FINAL
Alemanha 1 x Argentina 0

Gascoigne. Depois de eliminar a simpática Seleção de Camarões *(veja destaque na pág. 14)*, a Inglaterra ganhou mais confiança. Nos noventa minutos, os alemães foram surpreendidos com o impetuoso futebol dos adversários e, pela primeira vez, levaram a decisão para a prorrogação.

A contusão de Völler, ainda no primeiro tempo, e a péssima partida do goleador Klinsmann quase põem tudo a perder. Time bom, porém, precisa de sorte, e a Alemanha assegurou a vaga na decisão graças à agilidade do goleiro Illgner. Até então, uma figura discutível dentro da eficiente máquina alemã, Bodo Illgner, 26 anos, finalmente teve seu dia de herói: defendeu a cobrança de Pearce e Waddle bateu para fora. Agora era só pensar na Argentina, que no dia anterior tinha calado Nápoles, ao despachar a anfitriã Itália, também nos pênaltis.

"A melhor final seria realmente contra os italianos", diria, mais tarde, Beckenbauer. Contra a catimba dos argentinos, o jogo seria truncado — e o experiente treinador sabia de tudo isso. Certo de que não teria trabalho para se defender, o *Kaiser* escalou Littbarski, um meia com características ofensivas. O domínio foi tanto que os alemães somaram 58 desarmes contra 45 dos argentinos, quatro chutes certos a gol, outros onze para fora, 27 cruzamentos na área, dezoito viradas de jogo e apenas trinta passes errados. A Argentina chutou somente uma vez contra a trave de Illgner, mesmo assim numa cobrança de falta de Maradona que nem sequer levou perigo.

Vale lembrar que os argentinos sentiram as ausências de Caniggia, Giusti e Olarticoechea, além do reserva Batista, todos vítimas da própria indisciplina. Sem futebol, os bravos portenhos apelaram e tiveram Monzón e Dezotti expulsos. Assim, também pela primeira vez, o cartão vermelho foi mostrado numa decisão de Copa do Mundo. O desespero quando o juiz marcou o pênalti, aos 40 minutos do segundo tempo, lembrou a reação de quem por um momento imaginou ser possível escapar do inevitável. "Chorei por meu povo, pela perda do título e por minha filha Dalma, que não me viu campeão em 1986", explicou Diego Maradona seu pranto incontrolável no palco armado para a premiação.

"Maradona agora tem que entender que o número 1 é de Matthäus", ful-

Pedro Martinelli

Para alegria de craques como Klinsmann, Brehme e Littbarski *(abaixo)*, o capitão Matthäus levanta a taça

O ARTILHEIRO

MATTHÄUS *precisou de três Copas para ser reconhecido. Em 1982, ainda promessa, teve poucas oportunidades e viu sua Alemanha ser vice; quatro anos depois, já titular, ficou de novo em segundo diante do talento de Maradona; em 1990, porém, se tornou a estrela da competição. Foi o goleador de sua esquadra, com quatro gols, e o principal articulador do time de Beckenbauer. "Hoje em dia, qualquer seleção tem bons jogadores", define o artilheiro. "A determinação tática e o preparo físico fazem a diferença." Aos 29 anos, Matthäus já era destaque da italiana Internazionale, campeã da temporada 1988/1989. "Ele nunca teria atingido este nível se não tivesse se transferido para a Itália", explica seu maior admirador, Beckenbauer.*

minou Beckenbauer, com razão. E não só de Matthäus. Mas também do habilidoso Brehme, que desfila talento pela lateral do campo. O título tem a parcela do incansável Hässler, um baixinho bom no desarme e melhor na reorganização das jogadas de ataque. Precisa ainda ser dividido entre os implacáveis Völler e Klinsmann, uma dupla de atacantes com coragem, força e pontaria. E pertence, é claro, a Franz Beckenbauer, um modelo de treinador: cerebral, carismático e competente. Uma combinação de talentos que só poderia levar ao tricampeonato. O futebol, comovido, agradece.

A DECISÃO

ALEMANHA 1 X ARGENTINA 0
Local: Olímpico (Roma); **Juiz:** Edgardo Codesal (México); **Público:** 73 603; **Gol:** Brehme (pênalti) 40 do 2.º
ALEMANHA: Illgner, Augenthaler, Buchwald e Kohler; Berthold (Reuter), Hässler, Matthäus, Littbarski e Brehme; Völler e Klinsmann. Técnico: Beckenbauer.
ARGENTINA: Goycoechea, Simón, Ruggeri (Monzón) e Serrizuela; Sensini, Burruchaga (Calderón), Troglio, Basualdo e Lorenzo; Maradona e Dezotti. Técnico: Bilardo.

ALEMANHA

TRICAMPEÃ MUNDIAL 1954/1974/1990

PEDRO MARTINELLI

Em pé: *Berthold, Illgner, Augenthaler, Buchwald, Reuter e Völler; agachados: Hässler, Klinsmann, Bein, Brehme e Matthäus*

FLAMENGO — *Campeão da Copa do Brasil*

LIBERTADORES DA AMÉRICA, LÁ VAMOS NÓS

O dramático tudo-ou-nada da final com o Goiás

A derrota para o Grêmio por 0 x 1 em Juiz de Fora, no dia 4 de novembro, teve um duplo significado para o Flamengo: a prematura desclassificação do Campeonato Brasileiro e a detonação de um esquema de emergência para a conquista da Copa do Brasil. O rubro-negro precisava levar algum troféu para a Gávea para acalmar sua exigente torcida. Afinal, ela não experimentava o gosto de um título desde 1987, quando o Mengo ganhou a Copa União sob o comando do ponta-direita Renato Portaluppi. Pois foi novamente ele, dessa vez coadjuvado pelo inseparável amigo Gaúcho, quem liderou o time na invicta campanha da Copa do Brasil.

Foram dez jogos, com seis vitórias e quatro empates. Além disso, o rubro-negro exibiu o ataque mais eficiente e a defesa menos vazada — vinte gols a favor e apenas quatro contra. Para completar, saiu da Gávea o artilheiro da competição — o centroavante Gaúcho, com cinco gols. "Fiz a melhor dupla da minha vida com o Renato. A meu lado, ele até aprendeu a fazer gols", brinca Gaúcho. Com quatro gols, Renato foi, de fato, um dos pontos de desequilíbrio dos jogos. O Flamengo mudava a formação constantemente e tinha nele e em Júnior os únicos craques de uma equipe que o técnico Jair se incumbia de renovar. "Os problemas se empilhavam", recorda Jair. "Às vezes quebrava a cabeça para escalar onze, tantas foram as contusões e suspensões."

Tudo isso, porém, foi esquecido na noite de 4 de novembro. Como alguém que após levar um fora da Juma recebe acenos da Luma, horas depois da desclassificação do Campeonato Brasileiro o Flamengo armava uma operação de guerra para vencer a Copa do Brasil — a rigor, a mais fácil das duas trilhas que vão dar na Libertadores. Afinal, a equipe já havia vencido o primeiro confronto com o Goiás, três dias antes. Na decisão, no Serra Dourada, o empate bastava. Em Goiânia, um boato sobre contaminação da comida fez a delegação sair às escondidas do hotel para procurar um restaurante. Apenas o supervisor sabia antecipadamente dos passos do time. Até para os jogadores as escapadas do hotel eram surpresa.

Nilton Claudino

Alegria rubro-negra: com muito menos trabalho, tanto lucro quanto o campeão brasileiro

A decisão em Goiânia: resistência heróica

"Estávamos sempre atentos para que nada quebrasse a nossa rotina", lembra Renato. Seguranças levados especialmente do Rio de Janeiro postavam-se nas portas dos apartamentos, com ordens de impedir a aproximação de estranhos. "Estávamos tensos, loucos para que aquilo terminasse e chegasse logo a hora do jogo", recorda Gaúcho. Na saída para o Serra Dourada, os jogadores tinham ordem de permanecer em grupo, enquanto o batalhão de seguranças fazia o cerco. Jair Pereira

Ari Gomes

O atacante Renato, ponto de desequilíbrio na campanha: quatro gols, cruzamentos para o artilheiro Gaúcho e o virtuosismo de sempre

confessaria mais tarde que esse exagerado aparato foi deliberado — uma forma de armazenar agressividade sadia, para ser liberada só na hora da batalha.

Em campo, o Flamengo reeditou aquelas jornadas que construíram sua imagem de time de raça. O empate servia? O objetivo, então, era não tomar gol, segurar o Goiás a qualquer preço. Embora errando sucessivos passes, os rubro-negros fecharam-se com competência em torno do goleiro Zé Carlos, o herói da final com defesas impossíveis. Ao sair do Serra Dourada, a comitiva foi devorar um churrasco de boi gordo abatido na véspera especialmente para a ocasião. O Flamengo estava de volta à Copa Libertadores da América. Agora, é sonhar com o Japão e ir engordando outro boi, para a churrascada do título de bicampeão mundial.

A DECISÃO

GOIÁS 0 x FLAMENGO 0
4/novembro/90
Local: Serra Dourada (Goiânia); **Juiz:** Renato Marsiglia; **Renda:** Cr$ 47 829 200; **Público:** 45 504.
GOIÁS: Eduardo, Wilson (Rubens Carlos), Richard, Jorge Batata e Dalton; Wallace, Fagundes e Luvanor; Niltinho, Túlio e Josué (Agnaldo). Técnico: Sebastião Lapola.
FLAMENGO: Zé Carlos, Ailton, Vítor Hugo, Rogério e Piá; Uidemar, Júnior e Bobô (Nélio); Renato, Gaúcho (Marquinho) e Zinho. **Técnico:** Jair Pereira.

O ARTILHEIRO

Ari Gomes

GAÚCHO tem 1,82 m, é capaz de pular até 80 centímetros e possui um invejável senso de colocação. Assim, não é de estranhar que, dos 39 gols que marcou pelo Flamengo, em 1990, trinta deles tenham sido de cabeça. Na Copa do Brasil foi um total de cinco. "O sabor foi especial. Afinal, já joguei nos juniores do Mengo e fui dispensado", recorda.

Carlos Costa

Júnior: numa equipe em reformulação, a fundamental experiência que levou ao título

A CAMPANHA

1.ª FASE
Flamengo 5 x Capelense 1
Capelense 0 x Flamengo 4
2.ª FASE
Flamengo 2 x Taguatinga 0
Taguatinga 1 x Flamengo 1
3.ª FASE
Bahia 1 x Flamengo 1
Flamengo 1 x Bahia 0
SEMIFINAIS
Flamengo 3 x Náutico 0
Náutico 2 x Flamengo 2
FINAIS
Flamengo 1 x Goiás 0
Goiás 0 x Flamengo 0

FLAMENGO

Campeão da Copa do Brasil 1990

Em pé: *Júnior, Zé Carlos, Rogério, Vítor Hugo, Aílton e Piá;* agachados: *Renato, Gaúcho, Bobô, Zinho e Uidemar*

Carlos Costa

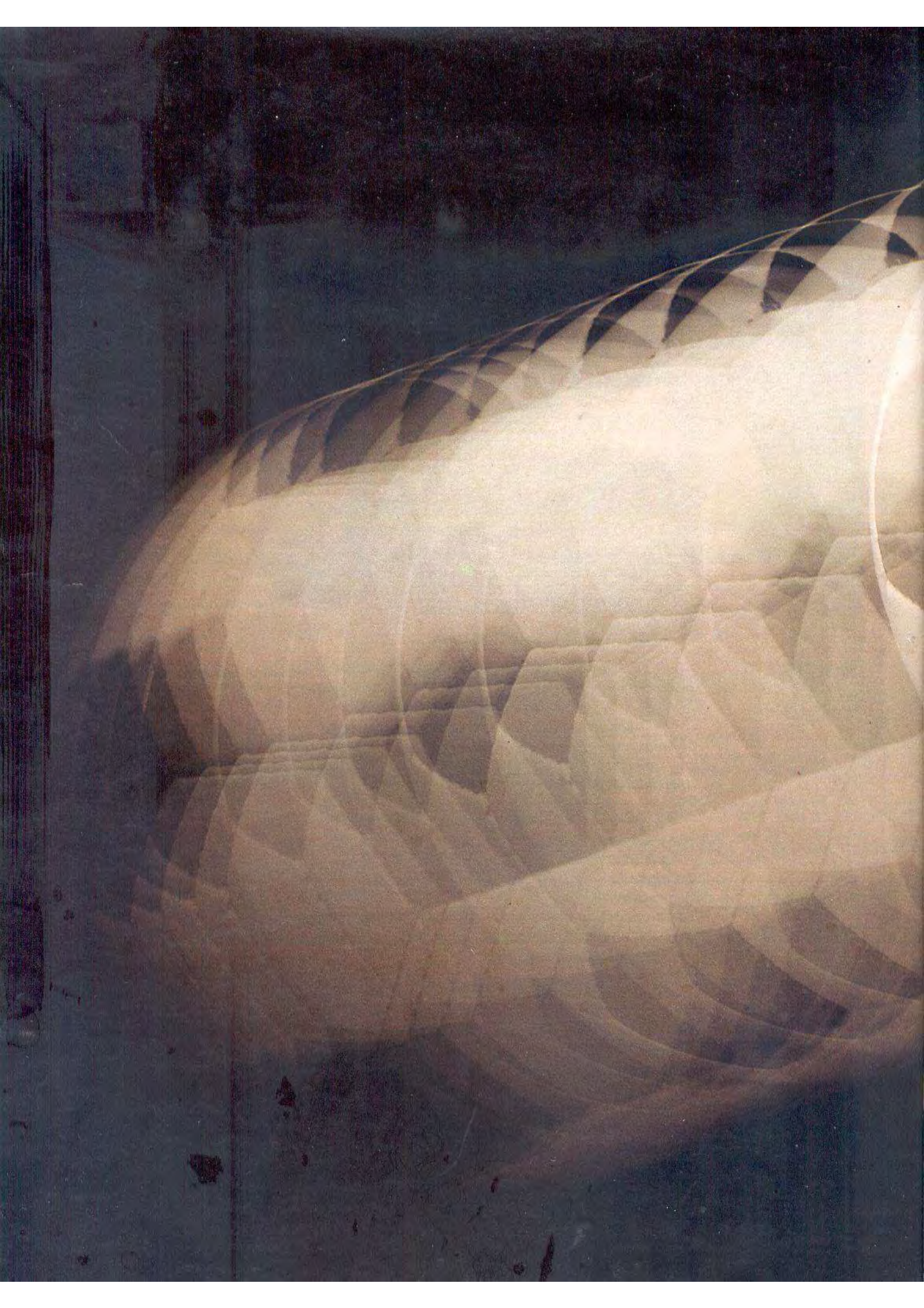
NÃO DEIXE QUE LHE TIREM ATÉ O SEU CACHORRO-QUENTE!

Uma corrente contra o baixo-astral neste verão

*"Um homem vivia na beira da estrada e vendia
cachorros-quentes. Não tinha rádio e,
por deficiência de vista, não podia ler jornais,
mas, em compensação, vendia bons cachorros-quentes.
Colocou um cartaz na beira da estrada, anunciando a
mercadoria, e ficou por ali, gritando quando alguém passava:
— Olha o cachorro-quente especial!!
E as pessoas compravam. Com isso, aumentou os pedidos
de pão e salsichas, e acabou construindo uma boa mercearia. Então,
mandou buscar o filho, que estudava na Universidade,
para ajudá-lo a tocar o negócio, e alguma coisa aconteceu. O filho
veio e disse: — Papai, o senhor não tem ouvido rádio? Não tem
lido jornais? Há uma crise muito séria, e a situação internacional
é perigosíssima! Diante disso, o pai pensou: — Meu filho estudou
na Universidade! Ouve rádio e lê jornais, portanto, deve saber
o que está dizendo! E então reduziu os pedidos de pão e salsichas,
tirou o cartaz da beira da estrada, e não ficou por ali,
apregoando os seus cachorros-quentes. As vendas caíram
do dia para a noite, e ele disse ao filho, convencido:
— Você tinha razão, meu filho, a crise é muito séria!"*

Texto original de um anúncio da Quaker State Metals Co., publicado em 24 de fevereiro de 1958 e divulgado pela agência ELLCE, de São Paulo, em novembro de 1990

Uma contribuição do Grupo Masculino da Divisão de Revistas da Abril para quem tem bons produtos e boas idéias para dar e vender. Entre nesta corrente contra o baixo-astral, enviando uma cópia desta página para dez amigos mais fortes que a recessão. Se ninguém quebrar esta corrente, poderemos comer nossos cachorros-quentes em paz.

PLAYBOY

AOS CAMPEÕES, A GLÓRIA

Do hexacampeão Grêmio, no Rio Grande do Sul, ao bicampeão Juventus, no Acre, vencer os adversários locais é sempre muito saboroso. Os estaduais de 1990 ainda reservaram surpresas como o Bragantino, merecido campeão paulista, ou finais confusas — assim os tribunais tiveram de confirmar os bi de Botafogo, no Rio, e Vitória, na Bahia. É hora de você curtir a conquista de seu time e saber como foi a festa nos outros Estados

PAULISTÃO, TEU NOME É BRAGANÇA

Como surgiu um novo grande clube em São Paulo

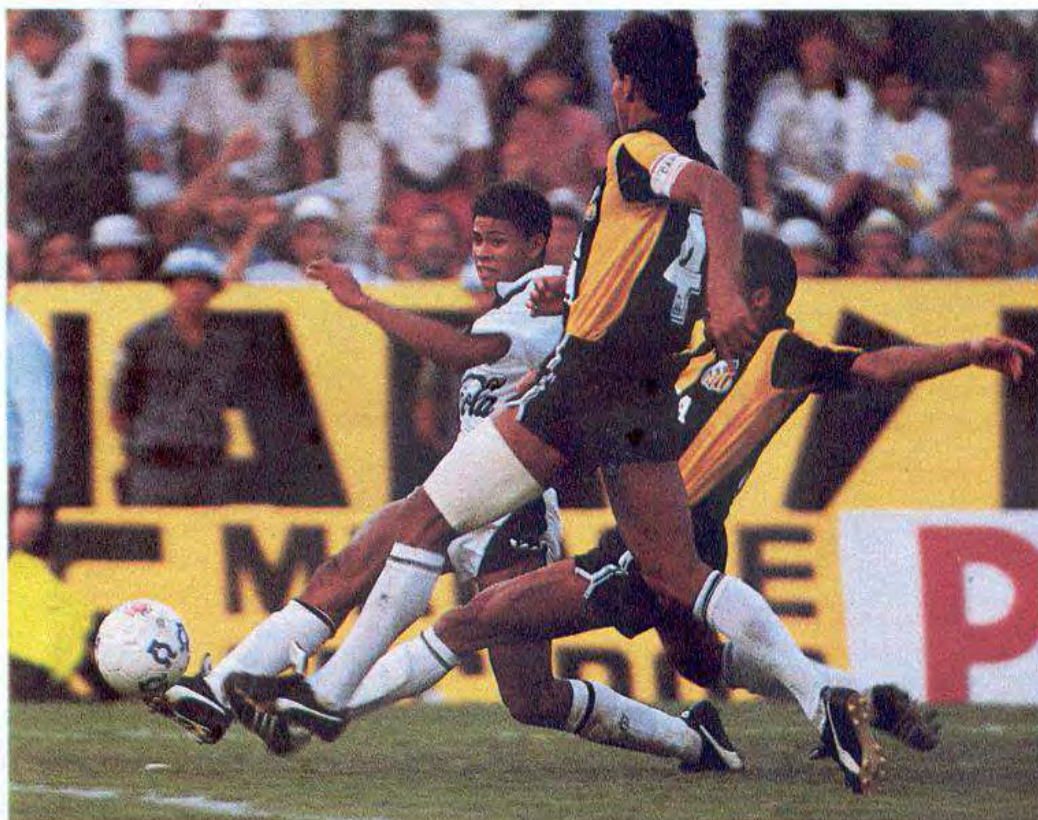
Há cinco anos, a cidade de Limeira decidiu que era pouco ser conhecida como a capital da laranja e investiu o que pôde na formação de um time de futebol. A fórmula do "cresça-e-apareça" encontrada pelos limeirenses culminou no título paulista de 1986, o primeiro vencido por uma equipe do interior.

Até o início deste ano, Bragança Paulista também não passava de um simples ponto no mapa do Estado. O único produto de orgulho para seus habitantes, reconhecido e famoso em outras cidades, era a pura lingüiça de porco, feita artesanalmente. Mas, assim como o que era laranja virou futebol de primeira qualidade, também o que era lingüiça passou a segundo plano, vencido por um outro belo time de futebol. O título paulista, nessa história, foi conseqüência. "Com toda a metodologia de trabalho iniciada em Bragança, a conquista de um lugar ao sol era inevitável", sintetizou o treinador Wanderley Luxemburgo da Silva.

Carioca de 37 anos, virgem de futebol paulista mas estudioso da escola percorrida pelo ex-técnico da Seleção Brasileira Cláudio Coutinho, Wanderley Luxemburgo sempre defendeu uma prática fortemente inspirada em seu conhecimento acadêmico. Para ele, por exemplo, a preparação física é capaz de empatar qualquer jogo. "Um time medíocre e bem preparado consegue ser superior a outro apenas muito bom tecnicamente", gosta de repetir.

Dentro dessa filosofia, desde que chegou a Bragança, há dois anos, Luxemburgo admite que o outro ingrediente a completar a fórmula de sucesso do Bragantino é a família Chedid. Patriarca do clube há quase trinta anos, Nabi Abi Chedid delegou todos os poderes a seu filho Marcos Chedid, responsável pelo departamento de futebol do clube. "Investir em

Fotos Silvio Porto

A mania da cidade que era conhecida só por sua lingüiça de porco: torcer para o Braga

Tiba, o moderno: gol na primeira partida da decisão *(acima)* e muita luta no meio-campo *(à direita)*

Nelson Coelho

material humano foi o caminho encontrado'', garantiu Marcos Chedid.

Suas palavras reverteram em números. Para chegar ao título do Paulistão em somente dois anos na Divisão Principal, o Bragantino investiu bastante. Só a folha de pagamentos do time profissional beirava os 45 000 dólares — na época, mais do que o dobro da folha corintiana. O prêmio pela conquista do campeonato também foi alto e rendeu a cada jogador 24 000 dólares. E, para que isso não parecesse desvios de uma trajetória-relâmpago, na semana em que decidiria o título com o Novorizontino o Bragantino ofereceu 2 milhões de dólares pelo passe do meia Neto. O presidente do Corinthians, Vicente Matheus, escalou o meia para a primeira partida do Campeonato Brasileiro e conseguiu inviabilizar o negócio.

Esse mesmo tipo de postura transferiu para Bragança a equipe médica de Marco Aurélio Cunha, que em dez anos de São Paulo criou fama de uma das melhores do país. ''Em pouco tempo, o Bragantino será um laboratório, um exemplo de ponta no futebol'', profetizou Marco Aurélio Cunha.

Para que isso também saísse do campo das palavras vale lembrar que os equipamentos do departamento médico, onde foram investidos cerca de

O ARTILHEIRO

***MAZINHO** conseguiu aparecer como finalizador de primeira numa equipe em que era difícil um artilheiro sobressair — a obrigação de fazer gols era de todos. Mesmo assim marcou nove, três menos que o goleador do campeonato, Rubem, do Guarani. Com 1,80 m, Waldemar de Oliveira Filho, 25 anos, o Mazinho, aproveitou a boa estatura para marcar vários gols de cabeça. Seu ponto forte, porém, é a boa colocação na entrada da área. ''Tenho facilidade para chegar batendo'', explica. Nascido no Guarujá, ele iniciou sua carreira no Santos e foi emprestado ao São Bento, de Sorocaba. Ao se destacar, transferiu-se para o Bragantino.*

Fotos Sílvio Porto

Heróis de Bragança Paulista: Ivair, um implacável marcador no meio-campo *(à esquerda)*, e o lateral-direito Gil Baiano *(acima)*, magnífico cobrador de faltas e presença garantida na Seleção Brasileira de Falcão

150 000 dólares, permitiram que seis atletas do time titular do Bragantino se recuperassem em tempo recorde e jogassem as duas partidas finais do campeonato contra o Novorizontino.

Esse ritmo profissionalmente alucinante é respaldado pela fortuna da família Chedid — que controla cinco empresas de ônibus com uma frota de 600 veículos — e pela competência do treinador Wanderley Luxemburgo. Aliado à tranqüilidade típica de um time do interior, tudo isso deu ao Bragantino todas as armas para o título.

"Nós aqui somos reconhecidos como atletas profissionais e encarados como amigos pelos torcedores", definiu o volante Ivair, na cidade desde a conquista da Segundona paulista, em 1988. "Dentro de campo, eu vejo meu vizinho na arquibancada. E por um amigo eu corro o triplo atrás da bola", completou.

Resultado: os títulos estaduais da Segundona (há dois anos), da Primeira (agora) e o Brasileiro da Divisão de Acesso (em 1989) começaram a soar com naturalidade aos habitantes de Bragança. "Queremos fazer da comemoração dos campeonatos uma rotina para a torcida", alardeou Marcos Chedid. Não é à toa, portanto, que na Seleção Brasileira do treinador Falcão há quatro atletas do Braga. "Somos o grande do tamanho certo", bem definiu o zagueiro e capitão Nei, um dos maiores ídolos da cidade. Afinal, se Limeira fala da laranja como algo secundário, Bragança também pode deixar sua lingüiça para as horas de lazer. Aos olhos do resto do país, o sabor da cidade é mesmo o do futebol do Bragantino.

A CAMPANHA

1.º TURNO
Bragantino 1 x Botafogo 0
XV de Jaú 1 x Bragantino 0
Bragantino 2 x Ferroviária 1
Santo André 1 x Bragantino 3
Bragantino 2 x XV de Piracicaba 1
São Bento 1 x Bragantino 1
Bragantino 1 x Noroeste 0
Ponte Preta 0 x Bragantino 3
Bragantino 4 x Juventus 0
América 1 x Bragantino 0
Bragantino 0 x Ituano 1
Catanduvense 1 x Bragantino 0
2.º TURNO
Bragantino 1 x Corinthians 1
Internacional 1 x Bragantino 2
Bragantino 0 x Novorizontino 0
Portuguesa 1 x Bragantino 2
Bragantino 2 x Santos 0
Bragantino 0 x São Paulo 0
Guarani 1 x Bragantino 0
Bragantino 0 x São José 0
União 1 x Bragantino 0
Bragantino 2 x Mogi-Mirim 1
Palmeiras 0 x Bragantino 0
3.º TURNO
XV de Jaú 1 x Bragantino 2
Bragantino 2 x Santos 0
Corinthians 2 x Bragantino 2
Bragantino 2 x Botafogo 1
Ituano 0 x Bragantino 2
Bragantino 2 x Mogi-Mirim 0
Santos 1 x Bragantino 0
Bragantino 1 x XV de Jaú 0
Mogi-Mirim 0 x Bragantino 0
Bragantino 1 x Ituano 1
Botafogo 0 x Bragantino 1
Bragantino 0 x Corinthians 0
FINAIS
Novorizontino 1 x Bragantino 1
Bragantino 1 x Novorizontino 1

A DECISÃO

BRAGANTINO 1 X NOVORIZONTINO 1
26/agosto/90
Local: Marcelo Stefani (Bragança Paulista); **Juiz:** José Aparecido de Oliveira; **Renda:** Cr$ 8 505 000; **Público:** 15 000; **Gols:** Fernando 21 e Tiba 26 do 2.º.
BRAGANTINO: Marcelo, Gil Baiano, Júnior, Carlos Augusto e Biro-Biro; Mauro Silva (Franklin), Ivair, Mazinho (Robert) e Tiba; Mário e João Santos. **Técnico:** Wanderley Luxemburgo.
NOVORIZONTINO: Maurício, Odair (Edmílson), Fernando, Márcio Santos e Luís Carlos Goiano; Marcão, Tiãozinho e Édson; Barbosa, Roberto Cearense (Flávio) e Róbson. **Técnico:** Nelsinho.

Fiasco tricolor

O São Paulo protagonizou o maior vexame do Paulistão: caiu para a repescagem no meio do campeonato e lá ficou atolado. O elenco era o mesmo que disputaria o Brasileiro. A diferença — fundamental, como se viu — é que um técnico se chamava Pablo Forlan e o outro, Telê Santana. Se o regulamento for respeitado, o São Paulo disputará o próximo Paulistão no Grupo 2, sem a companhia dos grandes

BRAGANTINO

Em pé: *Gil Baiano, Júnior, Biro-Biro, Carlos Augusto, Mauro Silva e Marcelo;* agachados: *Ivair, Tiba, Mário, Mazinho e João Santo*

Campeão paulista 1990

PLACAR

Sílvio Porto

JÁ ESTAMOS CANSADOS DE SER CAMPEÕES

O que anima são comédias como a que o Vasco fez

Para quem ficou 21 anos sem comemorar um único título, conquistar dois campeonatos cariocas seguidos pode ser sinal de que isso está se tornando uma saborosa rotina em Marechal Hermes. Só o espírito da festa mudaria, de temporada para temporada. Em 1989, ao vencer o Flamengo na final, o Botafogo estava explodindo uma escrita que já ultrapassava duas décadas, e o fez com as lágrimas da emoção. Em 1990, após derrotar o Vasco da Gama por 1 x 0 na decisão, os alvinegros riram a valer, pois a galhofa se instalou no gramado do Maracanã. Tentando contestar o caneco do Botafogo com uma interpretação unilateral do regulamento, os cartolas vascaínos mandaram o time fazer uma ridícula volta olímpica, que nem sequer se completou. Os botafoguenses quase morreram, de tanta gargalhada.

Comédia à parte, fez-se justiça à equipe mais regular e eficiente da competição. Em contagem corrida, ela somou 34 pontos, contra 33 do Vasco, que, aliás, disputou uma partida a mais. Além disso, apresentou a defesa menos vazada — dez gols — e foi derrotada apenas uma vez, pelo América de Três Rios. O caneco e os números adquirem mais valor quando se recorda que os alvinegros enfrentaram um ca-

A festa legítima: sem caravelas e sem recursos ao tapetão

Marco A. Cavalcanti

Nilton Claudino

Marco A. Cavalcanti

Um time de decisão: acima, Carlos Alberto Dias marca o gol do título; abaixo, o líder Gottardo pede garra aos companheiros

O ARTILHEIRO

PAULO ROBERTO praticava cobranças de pênalti após os treinos do Botafogo até a noite invadir Marechal Hermes. A recompensa veio: ao lado do ponta-direita Donizete (hoje no Guadalajara, do México), ele foi um dos artilheiros da equipe, com cinco gols, todos de penalidade. "Foi uma alegria inesquecível", orgulha-se ainda hoje o ex-lateral do Vasco da Gama. Ele não se limitou a treinar. Em seu videocassete, estudava as manhas dos goleiros. Foi assim, por exemplo, que enganou Zé Carlos ao marcar o primeiro gol do Botafogo nos 2 x 0 que despacharam o Flamengo, na última rodada antes da fase decisiva do campeonato.

Milton Claudino

Ari Gomes

Fibra de bicampeão: o volante Carlos Alberto transforma o garoto Bismarck em figurante

minhão de problemas. Quem aplaudisse a abnegação dos jogadores poderia até esquecer que todos estavam com os salários atrasados. Mais: uma milionária, irrecusável proposta do Vera Cruz, do México, tirou de Marechal Hermes o competente técnico Edu e o responsável pelo inesgotável fôlego da equipe, o preparador Nardo Siqueira, logo após a Taça Rio. Antes, mas também durante o certame, o maior craque da equipe, o zagueiro Mauro Galvão, fora vendido para o Lugano, da Suíça. Quer dizer, o Botafogo foi bicampeão na raça. Mesmo!

A vaga nas finais, conquistada pelo índice técnico, só foi definida na última rodada do segundo turno. O Bota enfiou 2 x 0 no Flamengo e, no dia seguinte, o Bangu fez o serviço no Vasco. Pelo regulamento, o título seria decidido pelo alvinegro contra o vencedor de Vasco x Fluminense. Um absurdo. Mas, como lei é lei, os dirigentes de Marechal Hermes fizeram o que lhes competia — recusaram-se a discutir o que estava escrito. A segunda tarefa era conseguir um substituto à altura do técnico Edu. Tarefa teoricamente difícil. Além de ter dado apreciável harmonia a um conjunto tecnicamente inferior ao de 1989, Edu era um mestre em conquistar a amizade — e o empenho — dos jogadores. O raciocínio dos dirigentes foi correto. Nenhum treinador conseguiria aprimorar o trabalho de campo, ainda mais tratando-se de uma única e decisiva partida. Optou-se, então, por alguém do tipo amigo e bom-papo. E este morava em Marechal Hermes: Joel Martins, técnico dos juniores.

Por fim, quem substituiria Mauro Galvão na tarefa de comandar o grupo? A ausência do carismático capitão permitiu que aflorasse uma liderança insuspeitada — a do zagueiro-central Wílson Gottardo. O bravo Gottardo se transformou numa das maiores figuras da guerra pelo título. Naquele 29 de julho, após a vitória por 1 x 0, coube a ele avisar aos vascaínos e ao juiz, Cláudio Garcia, que a faixa de campeão ja-

Ari Gomes

Sem prorrogação: o capitão Wilson Gottardo avisa o juiz que vale o que está escrito

A CAMPANHA

1.º TURNO
América o x Botafogo 0
Botafogo 2 x Americano 1
Botafogo 2 x Bangu 2
Cabofriense 0 x Botafogo 0
Botafogo 2 x Fluminense 0
Botafogo 1 x Campo Grande 0
Botafogo 1 x Vasco 1
Botafogo 1 x América-TR 0
Nova Cidade 0 x Botafogo 1
Itaperuna 0 x Botafogo 0
Botafogo 2 x Flamengo 1
2.º TURNO
Vasco 1 x Botafogo 1
Americano 0 x Botafogo 0
Botafogo 0 x América 0
Botafogo 5 x Cabofriense 3
Botafogo 0 x Fluminense 0
Bangu 0 x Botafogo 0
América-TR 1 x Botafogo 0
Botafogo 4 x Nova Cidade 0
Campo Grande 0 x Botafogo 2
Botafogo 1 x Itaperuna 0
Flamengo 0 x Botafogo 2
FINAL
Vasco 0 x Botafogo 1

Valdeir: destaque em jogos contra o Vasco

premonição do vice-presidente Emil Pinheiro. Dias, ex-Coritiba, chegou a acertar com o Flamengo, mas Emil travou uma luta sem tréguas para levá-lo para Marechal Hermes.

O sacrifício foi recompensado aos 3 minutos do segundo tempo. Dias, que se mostrava sonolento em campo e por pouco não fora substituído, de repente acordou, fez uma rápida tabela com Dejair e bateu de esquerda na saída de Acácio. A massa alvinegra sabia que o bicampeonato estava garantido e não parou mais de pular e cantar. Até o apito final, a equipe bloqueou os avanços do Vasco e tocou a bola com a consciência dos campeões. Depois, os risos. Aquela cena vascaína de pegar emprestada uma miniatura de caravela com alguém da geral e ensaiar uma volta olímpica, então, foi impagável.

mais seria arrancada do peito dos botafoguenses. "O Botafogo não vai disputar prorrogação nenhuma. Não compactuamos com essa palhaçada", avisou. E deu as costas. Em maior número no Maracanã, a torcida alvinegra explodiu em apoio a seu líder. "Gottardo! Gottardo!", gritava ela.

O andamento da decisão não foi nada daquilo que os vascaínos anteviam. O Super-Vasco, o Sele-Vasco, o melhor time do Brasil, depois de passar por cima do Fluminense, liquidaria o Botafogo, como quem cumpre um fulgurante ritual de encerramento. Na vida real, no entanto, o que se viu foi o Glorioso dar um passeio em campo, levando sempre mais perigo ao gol de Acácio. A equipe brilhou como conjunto, mas toda decisão tem seu herói. E dessa vez não foi diferente. Como o predestinado ponta-direita Maurício, que entrou para a história com seu gol contra o Flamengo na decisão do ano anterior, o meio-campo Carlos Alberto Dias confirmou uma

A DECISÃO

VASCO 0 x BOTAFOGO 1
29/julho/90
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); **Juiz:** Cláudio Garcia; **Renda:** Cr$ 10 795 500; **Público:** 35 083; **Gol:** Carlos Alberto Dias 3 do 2.º.
VASCO: Acácio, Luís Carlos, Célio, Quiñónez e Mazinho; Zé do Carmo, Marco Antônio Boiadeiro e Bismarck; Tita, Sorato e William (Roberto). **Técnico:** Alcir Portela.
BOTAFOGO: Ricardo Cruz, Paulo Roberto, Wilson Gottardo, Gonçalves e Renato; Carlos Alberto, Luisinho e Dejair (Gustavo); Donizete, Valdeir e Carlos Alberto Dias. **Técnico:** Joel Martins.

Marco A. Cavalcanti

Circo mambembe

O regulamento era confuso mesmo. Dizia que os ganhadores de turnos *(Vasco e Flu)* se enfrentariam e o vencedor disputaria o título com o time de melhor campanha *(Botafogo)* em um jogo. E também que "a associação com maior número de pontos" na fase final seria a campeã. Mas não previa a prorrogação pedida pelo Vasco. A volta olímpica foi ridícula. Tanto que o STJD confirmou o título do Glorioso

BOTAFOGO

Em pé: *Paulo Roberto, Ricardo Cruz, Wílson Gottardo, Gonçalves, Carlos Alberto e Renato*; agachados: *Carlos Alberto Dias, Luisi*

Bicampeão carioca 1989/90

...no, Valdeir, Dejair e Berg

PARA FERIR OS CORAÇÕES COLORADOS

Os 4 x 1 da final deixaram o Inter em terceiro

O Inter até que assustou, com seu gol no início do segundo tempo. Mas cenas como esta ao lado se repetiram por mais três vezes. No fim, o garoto Assis *(abaixo)* foi comemorar junto à enlouquecida torcida tricolor com champanhe

Fotos Lemyr Martins

Aos 19 minutos do segundo tempo, Cuca avança pela intermediária do Internacional. A bola quica a sua frente, parecendo lhe escapar ao domínio. Mas, quando vai descendo, o armador a acerta com o peito do pé esquerdo. A bola toma um efeito incrível — sobe e vai cair às costas do goleiro Maizena, dentro do gol. Eis aí um lance com todos os ingredientes que dão emoção a uma decisão de campeonato. Esse lindo gol desempatou a partida, alargando o caminho que levaria à goleada de 4 x 1 sobre o Inter e ao título de hexacampeão gaúcho. Foi o primeiro de Cuca em Gre-Nais, depois de três anos vestindo a camisa do Grêmio. Para arrematar, foi também o último — no dia seguinte, ele e o zagueiro Luís Eduardo embarcaram para a Espanha, pois já estavam vendidos ao Valladolid.

Por tudo isso, as honras do dia foram endereçadas a Alexi Stival, o Cuca. Merecidamente. Com seu futebol voluntarioso, esse sempre incansável meia-direita simbolizou o estilo guerreiro do tricolor nos anos em que o defendeu. E confirmou tudo na partida do adeus — com o afortunado acréscimo do gol que nunca havia marcado, um gol que deixou sem argumentos os críticos que não lhe perdoavam essa falta.

Mas o Gre-Nal do sexto título consecutivo também teve outros heróis. Assis, por exemplo, que abriu a goleada com uma surpreendente cobrança de falta logo aos 5 minutos. Outro: o ponta-esquerda Paulo Egídio, autor dos dois últimos gols, com arrancadas em diagonal que apavoraram os zagueiros do Inter. Mais um: o nem sempre reconhecido volante Jandir, que, com seu poder de marcação e correta distribuição na saída de bola, foi um gigante dominador no meio-campo. Na verdade, ninguém jogou mal nesse clássico. A equipe exibiu tranqüilidade e harmonia — o que significa mérito também para o técnico Evaristo de Macedo. Contratado com o campeonato em andamento, ele conferiu ao time um padrão de jogo que Paulo Poletto, por diversos motivos, não conseguira dar.

Por fim, deve-se repetir que a manu-

O ARTILHEIRO

NÍLSON fez um Campeonato Gaúcho arrasador. Marcou 22 dos 62 gols do Grêmio, o que significa mais de um terço. No início, ele recebeu muitas críticas. Diziam que não fazia gols nos enfumaçados jogos no interior do Estado. Mas logo se viu que isso era bobagem. Matador implacável, o esguio centroavante tricolor tem seu ponto forte no aproveitamento das bolas cruzadas na pequena área. Por cima ou por baixo, é tudo com ele. Nílson Ezídio não perdoa.

Paulo Egídio, o pequeno herói: dois gols e dribles como o que entortou Marcelo Prates

tenção da hegemonia resulta também do bom senso e da clarividência dos dirigentes, o que pode ser traduzido por uma expressão — poder de síntese. Em vez de saírem a gastar dinheiro com diversas contratações, eles iniciaram o ano com um único e certeiro reforço: ninguém menos que o centroavante Nílson, que brilhara no Internacional e cujo passe pertence ao empresário Juan Figer. É verdade que, lá pelas tantas, a defesa começou a ratear. Mas o problema foi rapidamente resolvido com a contratação do vigoroso zagueiro João Marcelo, do Bahia. Resultado: preservado o conjunto com essas únicas duas mexidas, a equipe ganhou os dois turnos de classificação e faturou o quadrangular decisivo, contra Inter, Caxias e Juventude.

Por uma ironia que ainda fere os corações colorados, o Grêmio perdeu os Gre-Nais da fase classificatória — como se quisesse dar ao rival a ilusão de que a disputa do título seria parelha. Como se viu, não foi. O tricolor chegou ao hexa jogando todo o seu futebol na parte da competição que valia e o Inter amargou um humilhante terceiro lugar, atrás do Caxias e ao lado do Juventude. Mas também é verdade que o técnico Evaristo de Macedo tomou, a certa altura, uma importante decisão para que isso acontecesse.

Até as últimas partidas do segundo

Recorde negativo

Ao terminar o Campeonato Gaúcho em terceiro lugar, em igualdade de pontos com o Juventude, o Internacional fez uma das piores campanhas de sua história. Não por acaso. Além de formar um elenco limitado, o clube trocou de técnico quatro vezes. Começou com Cláudio Duarte, que cedeu o posto a Ernesto Guedes. Este foi substituído por Levir Culpi, que seria trocado por Valdir Espinosa um mês depois. E quem entra no lugar de Espinosa nos jogos finais? Ernesto Guedes. No Brasileiro, trabalharam dois: Orlando Bianchini e Ênio Andrade. Ufa!

Cuca: na despedida, o gol que não havia feito em Gre-Nais

Fotos Lemyr Martins

Dureza: nos dois empates em 1 x 1 com o Caxias, no quadrangular, o Grêmio suou muito mais

turno, o Grêmio vinha jogando com dois volantes de marcação no meio-campo — Jandir mais Lino, ou João Antônio —, com Cuca mais à frente. Funcionava, mas não com a desenvoltura que se exige para o Campeonato Gaúcho, que o time tem a obrigação de vencer sempre. Evaristo se deu conta, preparou com carinho o menino Assis e escalou-o na meia-esquerda, à frente de Jandir e na mesma linha de Cuca. A equipe passou a atacar com muito mais naturalidade. Como no clássico de encerramento, para ficar no exemplo mais notável.

Enquanto o Inter se armava defensivamente, dando a impressão de que seria inexpugnável, o tricolor se distribuía com equilíbrio — e, além de permitir poucas conclusões ao adversário, foi empilhando seus gols com a maior naturalidade. Até o zagueiro Luís Eduardo se desprendia de trás, em contragolpes de surpresa. No início do segundo tempo, o colorado Zabala empatou, num lance em que o lateral Fábio falhou na rebatida. O Grêmio, ao contrário de se desesperar, continuou no mesmo ritmo. O desempate — com o golaço de Cuca — veio naturalmente. Aos 31, Paulo Egídio rouba a bola do zagueiro Sandro, entra na área e toca rasteiro, no canto: 3 x 1. Aos 40, aproveitando cobrança de falta de Assis, o mesmo Paulo Egídio, um nanico abusado, completa a humilhação com uma cabeçada. Os torcedores do Inter nem estão mais no Olímpico — começaram a ir embora depois do gol de Cuca. No final, o técnico colorado Ernesto Guedes aproveita que o gramado está tomado por torcedores e repórteres e agride o goleiro Mazarópi. É o desespero. Indiferente a tudo, a massa tricolor pula e dança. É o hexa!

A DECISÃO

GRÊMIO 4 x INTERNACIONAL 1
29/julho/90
Local: Olímpico (Porto Alegre); **Juiz:** Renato Marsiglia; **Renda:** Cr$ 9 312 100; **Público:** 24 016; **Gols:** Assis 5 do 1.º; Zabala 2, Cuca 19, Paulo Egídio 31 e 40 do 2.º.
GRÊMIO: Mazarópi, Fábio, João Marcelo, Luís Eduardo e Hélcio; Jandir, Cuca e Assis; Darci, Nilson e Paulo Egídio. **Técnico:** Evaristo de Macedo.
INTERNACIONAL: Maizena, Chiquinho, Sandro, Zabala e Célio (Daniel); Norberto, Júlio e Luís Fernando (Rudinei); Marcelo Prates, Nélson e Edu. **Técnico:** Ernesto Guedes.

A CAMPANHA

1.º TURNO
Ypiranga 0 x Grêmio 1
Grêmio 4 x Caxias 1
Glória 0 x Grêmio 1
Grêmio 3 x Esportivo 0
Lajeadense 1 x Grêmio 1
Grêmio 1 x Aimoré 1
Grêmio 4 x Passo Fundo 1
Santa Cruz 1 x Grêmio 0
Guarany 0 x Grêmio 2
Grêmio 0 x Internacional 1
Grêmio 6 x Novo Hamburgo 0
Pelotas 0 x Grêmio 1
Grêmio 3 x Juventude 0
2.º TURNO
Grêmio 1 x Ypiranga 1
Caxias 4 x Grêmio 2
Grêmio 3 x Glória 0
Esportivo 1 x Grêmio 0
Grêmio 2 x Lajeadense 0
Aimoré 1 x Grêmio 5
Grêmio 3 x Santa Cruz 1
Passo Fundo 0 x Grêmio 0
Grêmio 3 x Guarany 1
Internacional 1 x Grêmio 0
Novo Hamburgo 0 x Grêmio 3
Grêmio 0 x Pelotas 0
Juventude 0 x Grêmio 0
QUADRANGULAR FINAL
Grêmio 3 x Juventude 1
Internacional 0 x Grêmio 1
Caxias 1 x Grêmio 1
Grêmio 1 x Caxias 1
Juventude 3 x Grêmio 3
Grêmio 4 x Internacional 1

Destaque positivo

Quando o Caxias contratou o desconhecido técnico Orlando Bianchini e reformulou radicalmente seu grupo de atletas, todos apostaram no pior. Resultado: o melhor possível. O time chegou em segundo no Gauchão. Nele, surgiram surpreendentes revelações, como o armador Ranieli, o lateral Marques (ambos no Palmeiras) e o centroavante Nílson (*foto*), que passou pelo Inter e hoje atua no Japão

GRÊMIO

Em pé: *Mazarópi, Vílson, Alfinete, Luís Eduardo, Jandir e Hélcio;* agachados: *Caio, Cuca, Nílson, Paulo Egídio e Assis*

Hexacampeão gaúcho 1985/86/87/88/89/90

Lemyr Martins

UM AZARÃO RECUPERA SUA DIGNIDADE

Desacreditado, o tricolor se encheu de brios

Com a conquista do Pernambucano de 1990, o Santa Cruz finalmente recuperou a credibilidade — abaladíssima desde 1989, quando foi ridiculamente desclassificado na Segunda Divisão do Campeonato Brasileiro. Mas o caminho entre o descrédito e o reconhecimento foi árduo. Contratado o técnico Erandir Montenegro — ex-Treze da Paraíba, algoz do Santa na Segundona —, o clube partiu para os reforços: o goleiro Raul, o zagueiro Marcão, o lateral Eduardo e os atacantes Wanks e Mazinho, todos de São Paulo.

No início, a cotação do tricolor era a pior possível. Apostava-se no Náutico, último campeão estadual e único pernambucano no Brasileiro; no Sport, pelos altos investimentos feitos; e só depois no Santa Cruz, que por isso mesmo se encheu de brios. Logo de cara surrou o Náutico e, em sua trajetória em busca do título do primeiro turno, derrotou de novo o favorito e empatou com o Sport. A dupla de zagueiros Marcão e Tanta comandava a defesa menos vazada do campeonato (apenas treze gols até o final) e Mazinho centralizava as jogadas de ataque. A torcida passava a acreditar. Na decisão do turno, contra o Sport, quando o empate bastava, o título veio por caminhos sinuosos — entortados pela falta de ética do adversário.

Acontece que os cartolas rubro-negros mandaram apagar os refletores da Ilha do Retiro quando o juiz marcou um pênalti contra sua equipe, no finalzinho — o Santa perdia por 2 x 1 e provavelmente empataria. No tapetão, os juízes foram unânimes em condenar o Sport e deram os dois pontos ao tricolor, que assim garantiu sua vaga na final.

Na segunda parte da competição, ocorreu uma ironia, que massageou o ego dos tricolores ao mesmo tempo em que pôs em risco o sucesso financeiro do campeonato: os estádios começaram a esvaziar, porque se passou a acreditar que ninguém tiraria o título do Santa. Não foi por salto alto que este perdeu o segundo turno para o Sport. Todo o mérito pertenceu ao rubro-negro, que, ao perder seu competente técnico, Lori Sandri, para o futebol árabe, iniciou uma surpreendente reação sob o comando do preparador físico Charles Muniz.

E chegamos à melhor de três pontos entre os dois times. Na primeira parti-

O favorito era o Náutico, mas também se falava no Sport. Nem a torcida do Santa apostava em seu time. No fim, emocionada, ela entrou no maior frevo

Sérgio Dutti

A DECISÃO

SPORT 0 x SANTA CRUZ 1
23/maio/90
Local: Ilha do Retiro (Recife); **Juiz:** José Araújo; **Renda:** Cr$ 3 003 240; **Público:** 22 994; **Gol:** Mazinho 2 do 2.º.
SPORT: Paulo Vítor, Valtinho, Márcio Alcântara, Nenê e Glauco; Lopes, Amauri (Sérgio Alves) e Adriano; Mirandinha (Edmílson), Fábio e Neco. **Técnico:** Charles Muniz.
SANTA CRUZ: Raul, Marinaldo, Marcão, Tanta e Eduardo (Cláudio); Mazo, Edmundo (Fernando Silva) e Mazinho; Leto, Marcelo e Wanks. **Técnico:** Erandir Montenegro.

SANTA CRUZ 0 x SPORT 1
27/maio/90
Local: José do Rego Maciel (Recife); **Juiz:** Arlindo Maciel; **Renda:** Cr$ 6 178 840; **Público:** 58 860; **Gol:** Glauco 30 do 1.º. Na prorrogação, 0 x 0
SANTA CRUZ: Raul, Marinaldo, Marcão, Tanta e Eduardo; Mazo, Ataíde e Mazinho; Leto (Fernando Silva), Marcelo e Wanks (Edmundo).
Técnico: Erandir Montenegro.
SPORT: Paulo Vítor, Valtinho, Ailton, Márcio Alcântara e Glauco (Mirandinha); Lopes, Agnaldo e Adriano; Fábio (Sérgio Alves), Ramón e Neco. **Técnico:** Charles Muniz.

Renato de Souza

O primeiro jogo da decisão: o Santa Cruz fez 1 x 0 no Sport, um resultado providencial

da, na Ilha do Retiro, o Santa mostrou que não era fogo de palha — fez 1 x 0, gol do endiabrado Mazinho. Na segunda, com o Arruda tomado por 60 000 pessoas, a maioria de tricolores, a sorte favoreceu o Sport — 1 x 0, gol de Glauco, de falta. A prorrogação decidiria tudo. Ao Santa, o empate bastava. A defesa segurava tudo. A torcida segurava o grito. Nos últimos instantes, Mazinho pega a bola no meio do campo e encobre o goleiro Paulo Vítor. Seria a glória. Seria. A bola bate no travessão. Mas tudo bem. O juiz apita o final e o Santa é campeão pernambucano. Com toda a dignidade.

O ARTILHEIRO

MAZINHO fez dezesseis dos 65 gols do Santa Cruz. Ficou três atrás de Bizu, do Náutico, o artilheiro da competição. "Não me importo, meu objetivo era ser campeão", diz esse cearense que já atuou no Ferroviário de sua terra e no São Paulo. "Além disso, minha posição original é no meio-campo", justifica Mazinho, um jogador de técnica apreciável.

Renato de Souza

A CAMPANHA

1.º TURNO
1.ª fase
Estudantes 0 x Santa Cruz 3
Náutico 1 x Santa Cruz 2
Santa Cruz 6 x 7 de Setembro 0
Central 0 x Santa Cruz 1
Santo Amaro 0 x Santa Cruz 4
Santa Cruz 0 x Sport 0
Santa Cruz 3 x América 0
2.ª fase
Santa Cruz 1 x Central 0
Paulistano 0 x Santa Cruz 1
7 de Setembro 1 x Santa Cruz 2
Santa Cruz 6 x Estudantes 0
Santa Cruz 1 x Náutico 0
Santa Cruz 3 x Santo Amaro 0
Sport 0 x Santa Cruz 2
2.º TURNO
1.ª fase
Santo Amaro 1 x Santa Cruz 2
Estudantes 0 x Santa Cruz 2
Náutico 1 x Santa Cruz 2
Santa Cruz 2 x 7 de Setembro 0
América 0 x Santa Cruz 2
Santa Cruz 2 x Paulistano 0
Santa Cruz 3 x Sport 0
2.ª fase
Santa Cruz 1 x Santo Amaro 0
Central 0 x Santa Cruz 1
Sport 2 x Santa Cruz 0
Santa Cruz 2 x Paulistano 1
Santa Cruz 2 x Náutico 2
Santa Cruz 7 x Estudantes 1
Santa Cruz 0 x América 0
Decisão do Turno
Santa Cruz 0 x Sport 0
(na prorrogação, Sport 1 x 0)
FINAL
Sport 0 x Santa Cruz 1
Santa Cruz 0 x Sport 1
(na prorrogação, 0 x 0)

SANTA CRUZ

Campeão pernambucano

Renato de Souza

PLACAR

Em pé: *Eduardo, Tanta, Raul, Marcão, Mazo e Marinaldo;* agachados: *Ataíde, Leto, Mazinho, Marcelo e Wanks*

GOIÁS

Bicampeão goiano

Carlos Costa

Em pé: *Sebastião Lapola (técnico), Eduardo, Jorge Lourenço, Mauro Machado (médico), Jorge Batata, Richard, Wallace, Boni, Lira,* agachados: *Wânderson, Niltinho, Fagundes, Péricles, Luvanor, Agnaldo, Josué e Benevan*

A GRANDE DERROTA DOS FEITICEIROS

A federação queria prejudicar e acabou ajudando

Os aprendizes de feiticeiro do futebol goiano acharam que tinham inventado a fórmula perfeita para dificultar o bicampeonato do Goiás. O problema é que o caldeirão explodiu e, como na fábula, o feitiço virou contra os pretendentes a bruxo. O alviverde conquistou o título mais fácil dos últimos tempos. No plano financeiro o efeito foi arrasador: em dias de jogo, os torcedores não passavam nem perto do Serra Dourada e dos outros estádios.

Tudo começou quando a federação, de comum acordo com o Vila Nova, o grande rival do Goiás, bolou uma tabela pela qual os dois times só jogariam entre si no final do campeonato, em confrontos de ida e volta. Pelo raciocínio dos magos, essa era a melhor maneira de preservar o Vila, cuja equipe andava mal das pernas e poderia se ajeitar até as partidas decisivas. Ao colocar um em cada grupo, porém, a federação não contava que a má fase de seu protegido perdurasse. Perdurou. O Vila apanhou de meio mundo e não conseguiu se classificar para a decisão. Nem ele nem ninguém, pois o Goiás ganhou os dois turnos e ficou com o título. O pequeno e valente Mineiros chegou a derrotar o campeão duas vezes, mas lhe faltou camisa na hora crucial. De qualquer forma, fez mais bonito que o Vila Nova.

"Só aqui, mesmo, para fazerem um campeonato em que o clássico do Estado não se realiza", ironiza o goleiro bicampeão Eduardo. "Os torcedores não são bobos. Os adversários sabiam que o Goiás é melhor e os nossos tinham certeza do título", lamenta o diretor de futebol do Goiás, Adão Néri, afirmando que na maior parte da competição seu clube teve de pagar para jogar.

Tirando os prejuízos, porém, o alviverde só teve motivos para comemorar. A começar pelo fato de que o bi elevou o número de seus títulos estaduais para onze, enquanto o arquiinimigo Vila Nova continua com dez. A campanha teve poucos tropeços: apenas quatro derrotas em 28 jogos, contra cinco empates e dezenove vitórias. A defesa tomou dezesseis gols, mas o ataque marcou quase quatro vezes mais — 61. Pertence ao Goiás, também, o artilheiro do campeonato, o atacante Agnaldo. E Túlio? Pois é, nem figurou, pois servia à Seleção Brasileira de Novos num bom pedaço da primeira fase, além de não ter participado das últimas partidas por estar jogando o Torneio de Toulon. "Se o Túlio estivesse entre nós, certamente nosso ataque teria feito muito mais que 61 gols", garante o ponta-direita Niltinho.

Se em 1989 o Vila Nova endureceu, em 1990 o Goiás encontrou apenas uma pedra em seu caminho: o simpático Mineiros, um clube de verão que, após as duas vitórias sobre o grande favorito, passou a ser o segundo time de todos os torcedores. "Dificultamos o máximo que deu", orgulha-se o técnico do Mineiros, Luís Dario, que já treinou o Vila e o próprio Goiás. No próximo ano, o clube mais poderoso e sério do Estado vai em busca do tri, um título ainda inédito em sua história. Se os bruxos voltarem a agir, é possível que seja mais fácil ainda.

A DECISÃO

GOIAS 3 x MINEIROS 2
20/maio/90
Local: Serra Dourada (Goiânia); **Juiz:** Dario de Souza Campos; **Renda:** Cr$ 1 658 800; **Público:** 17 256; **Gols:** Luvanor 27 e Péricles 38 do 1.º; Josué 24, Gérson 39 e Boca 43 do 2.º.
GOIAS: Eduardo, Dalton, Boni (Richard), Jorge Batata e Lira; Wallace, Fagundes e Luvanor; Niltinho, Péricles (Josué) e Aguinaldo. **Técnico:** Sebastião Lapola.
MINEIROS: Renato, Ediniz, Pereira, Sidnei e Evaristo; Beto, Isaac e Gérson; Helinho (Leleu), Boca e Fernando. **Técnico:** Luís Dario.

Fotos Carlos Costa

Na final, o Mineiros *(de branco, à esquerda e acima)*, até que tentou a suprema façanha. Mas deu Goiás, como mandava a lógica: 3 x 2. Depois, um alegre carnaval

A CAMPANHA

1.º TURNO
Goiás 2 x Anapolina 0
Mineiros 2 x Goiás 1
Goiás 2 x Novo Horizonte 0
Jataiense 0 x Goiás 0
Goiás 3 x Atlético 0
Quirinópolis 2 x Goiás 2
Anapolina 1 x Goiás 0
Goiás 0 x Mineiros 1
Novo Horizonte 0 x Goiás 1
Goiás 4 x Jataiense 1
Goiás 2 x Atlético 1
Goiás 5 x Quirinópolis 0
CRUZAMENTO
América 0 x Goiás 0
Goiás 3 x América 0
DECISÃO 1.º TURNO
Goiânia 0 x Goiás 2
Goiás 2 x Goiânia 0
2.º TURNO
Goiás 6 x América 0
Goiatuba 0 x Goiás 0
Goiás 4 x Goiânia 1
Goiás 3 x Santa Helena 0
América 1 x Goiás 3
Santa Helena 0 x Goiás 1
Goiás 0 x Goiatuba 1
Goiás 4 x Goiânia 1
CRUZAMENTO
Goiânia 0 x Goiás 2
Goiás 5 x Goiânia 0
DECISÃO 2.º TURNO
Mineiros 1 x Goiás 1
Goiás 3 x Mineiros 2

O ARTILHEIRO

AGNALDO Divino de Mendonça, 22 anos, é filho do prefeito de Sanclerlândia, GO, e como tal não precisa do esporte para se sustentar. "Mas o futebol é a minha vida", diz esse atacante alto, ótimo no cabeceio e nos chutes de longa distância, que interrompeu os estudos de Direito para ser jogador. Ele marcou treze dos 61 gols do Goiás e se tornou o goleador máximo do campeonato. A torcida nem deu pela falta de Túlio nas convocações para a Seleção. Claro, Agnaldo estava lá.

FARRA DE FINAL É MUITO MAIS GOSTOSA

Caneco escapou na decisão do 2.º turno. Melhor

Naquela noite de domingo, 3 de junho, quando o juiz Márcio Resende de Freitas apitou o final de Cruzeiro 1 x Atlético 0, milhares de cruzeirenses invadiram o gramado do Mineirão com um misto de alegria ensandecida e saudade antecipada. Na cabeça deles ainda estava a imagem do gol que dera ao clube o primeiro título da década de 90, marcado pelo artilheiro Careca. No dia seguinte o ídolo iria embora para Portugal, vendido ao Sporting.

Aos 12 minutos do segundo tempo, após escorar de cabeça um cruzamento da direita, Careca correu para a torcida e, de joelhos, estendeu os braços na última e gloriosa vibração. "Foi a vitória do melhor futebol", resumiu depois o meia, sem falsa modéstia. Se a vitória fez justiça ao Cruzeiro, serviu também para desesperar o goleiro Rômulo, do Atlético, que não conseguiu interceptar o cruzamento que encontrou a cabeça de Careca. No túnel que liga o gramado ao vestiário, Rômulo sofreu uma crise de nervos e destruiu os vidros que encontrou pela frente a socos e pontapés. Era o espelho da desgraça atleticana.

Alheios à dor dos adversários, os torcedores levaram o carnaval para as ruas da cidade. Àquela altura, o que pouca gente sabia era que, no início do campeonato, a festa do título não passava pela cabeça dos jogadores. Embora o elenco fosse o mesmo terceiro colocado do Campeonato Brasileiro do ano anterior, a equipe parecia ser outra. E havia uma razão: o técnico não era mais o respeitado Ênio Andrade. Em seu lugar, os dirigentes haviam colocado Duque. O novo treinador se sustentaria no cargo por apenas cinco partidas. Foi o suficiente, porém, para permitir ao maior inimigo uma cômoda vantagem de três pontos na tabela de classificação. "Nada deu certo naquele período", testemunha o lateral Balu. De fato, bastava jogar fora de casa para o time deixar de ganhar os dois pontos. As duas primeiras derrotas (Valério 1 x 0 e Uberaba

Fotos Hélio Rodrigues

Aos 12 do segundo tempo, Balu cruza da direita e Careca, de cabeça, fulmina Rômulo. Era a gloriosa despedida do artilheiro. Ademir, aos beijos, saúda a torcida, que não parou de festejar e, no final, invadiu o gramado para carregar seus ídolos

O ARTILHEIRO

CARECA não jogou nem a metade das 35 partidas do Cruzeiro, recusou-se a treinar diversas vezes, foi ameaçado por torcedores, contundiu-se — e mesmo assim foi o artilheiro do time, com doze gols, inclusive o do título. Sua melhor característica é a arrancada para cima dos zagueiros com a bola dominada. Seus dribles curtos, em velocidade, são mortais. Jogou três anos no Cruzeiro, onde se criou.

2 x 0) foram suficientes para os cartolas corrigirem um erro cometido. Em caráter de urgência, e na surdina, fizeram um acordo com o velho Ênio Andrade, que não tardou a reaparecer no clube. "Ele nunca deveria ter saído", resume o volante Ademir.

Aos poucos, a confiança e a vontade de vencer foram recobradas. Com muitos treinamentos, Ênio remontou a equipe que acabaria conquistando o título do primeiro turno. A bem da verdade, a sorte também deu uma mão. Embora o time tivesse se recuperado, conquistando dezesseis pontos em nove partidas sob o comando do novo técnico, dois fatos importantes ajudaram a colocar o Cruzeiro na final: a derrota do Atlético para o Pouso Alegre, em pleno Mineirão, e o ganho dos dois pontos da partida contra o Flamengo de Varginha, interrompida quando estava empatada. Era do que a Raposa precisava para chegar à decisão em igualdade de condições. No clássico, bastou confirmar: 3 x 1.

"Desta vez deu tudo certo", festejou o surpreendente volante Róberson depois da vitória sobre o Atlético. Graças a seus avanços, ele desempatou a decisão do primeiro turno — e ainda chegaria à marca de nove gols no campeonato. Não há dúvida de que a soma de talentos contribuiu para o sucesso no primeiro turno, mas faltou suor para a conquista do segundo. E, na decisão dessa fase, a certeza da vitória se transferiu para o Atlético.

Fotos Nélio Rodrigues

Bateu o desespero no Galo depois do gol de Careca:

A galera festeja com o capitão Gilson Jáder

Carlão comete uma falta escandalosa sobre o ponta-esquerda Édson para impedir mais um contra-ataque

Diante de quase 80 000 pessoas, a maioria de cruzeirenses, a Raposa deixou escorrer entre os dedos a chance de liquidar a fatura. O empate lhe bastava, mas o Galo adiou a festa com um surpreendente 2 x 1. "Entramos de sapato alto", acusou Paulo Isidoro.

Na verdade, o adiamento da festa só fez mexer com os brios da rapaziada. "Meu time não costuma perder duas vezes seguidas para o mesmo adversário", desafiou Ênio Andrade. Ao mesmo tempo, ele treinava à exaustão as formas de anular Éder, a grande arma do adversário. Mais: o sumiço de Careca dos treinos durante dois dias serviu para o técnico pôr em prática seus conhecimentos de psicologia. "Você não vai jogar nada, será vaiado e eu vou ter que substituí-lo", provocou. Deu resultado. Careca foi o primeiro jogador a se apresentar à concentração. E chegou prometendo: "No domingo, vou arrasar".

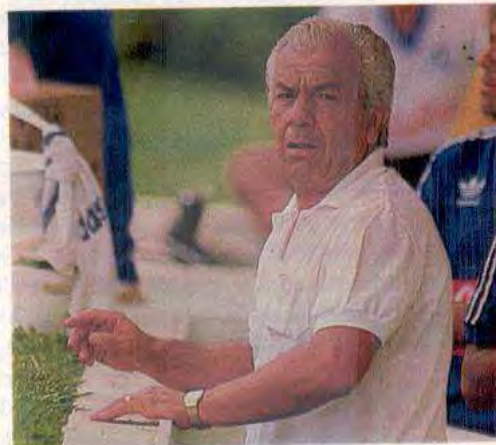
O time entrou tranqüilo em campo, sabendo o que fazer. Com uma marcação constante sobre Éder, a profecia de Ênio se confirmava, até porque o Galo jogava com os nervos à flor da pele. "Conseguíamos chegar à linha de fundo sempre que tentávamos", recorda Balu. Foi numa dessas arrancadas do lateral, pela direita, que saiu o gol do título. Balu cruzou a bola na área e Careca surgiu como um raio para cabecear. Faltando 33 minutos para o final, estava detonada a festa das arquibancadas azuis.

A DECISÃO

CRUZEIRO 1 x ATLÉTICO 0
3/junho/90
Local: Mineirão (Belo Horizonte); **Juiz:** Márcio Resende de Freitas; **Renda:** Cr$ 8 368 735; **Público:** 90 145; **Gol:** Careca 12 do 2.º
CRUZEIRO: Paulo César, Balu, Gilson Jáder, Adilson e Paulo César; Ademir, Paulo Isidoro e Careca; Hêider, Hamilton (Róberson) e Édson. **Técnico:** Ênio Andrade.
ATLÉTICO: Rômulo, Neto, Cléber, Paulo Sérgio e Paulo Roberto; Éder Lopes, Marquinho e Edu (Ailton); Nilton (Ilton), Gérson e Éder. **Técnico:** Arthur Bernardes.

A CAMPANHA

1.º TURNO
Cruzeiro 3 x Tupi 0
Valério 1 x Cruzeiro 0
Cruzeiro 2 x Rio Branco 1
Nacional 0 x Cruzeiro 2
Uberaba 2 x Cruzeiro 0
Cruzeiro 2 x Caldense 1
Cruzeiro 2 x Uberlândia 1
Pouso Alegre 0 x Cruzeiro 0
Esportivo 1 x Cruzeiro 1
Cruzeiro 1 x Villa Nova 0
América 0 x Cruzeiro 2
Cruzeiro 2 x Fabril 1
Flamengo 1 x Cruzeiro 1
Cruzeiro 3 x Democrata-SL 1
Paraisense 0 x Cruzeiro 1
Cruzeiro 2 x Juventus 0
Cruzeiro 3 x Atlético 1
2.º TURNO
Cruzeiro 1 x Nacional 1
Uberlândia 1 x Cruzeiro 2
Cruzeiro 3 x Esportivo 0
Fabril 0 x Cruzeiro 0
Cruzeiro 4 x Paraisense 1
Villa Nova 0 x Cruzeiro 1
Cruzeiro 2 x Pouso Alegre 0
Cruzeiro 2 x América 0
Democrata-SL 1 x Cruzeiro 3
Cruzeiro 0 x Valério 0
Juventus 0 x Cruzeiro 2
Tupi 0 x Cruzeiro 1
Cruzeiro 4 x Flamengo 0
Caldense 0 x Cruzeiro 3
Cruzeiro 2 x Uberaba 1
Rio Branco 1 x Cruzeiro 1
Atlético 2 x Cruzeiro 1
JOGO EXTRA
Cruzeiro 1 x Atlético 0

O vaivém do velho

No início do ano, os cartolas cometeram um erro: não renovaram o contrato do técnico Ênio Andrade, cuja sabedoria levara o Cruzeiro ao terceiro lugar no Campeonato Brasileiro de 1989. Corrigiram-se a tempo. A volta do *velho* foi fundamental para a conquista do título. Mas, como ninguém é perfeito, não seguraram Ênio para o Brasileiro de 1990

CRUZEIRO

Em pé: *Paulo César, Gílson Jáder, Adílson, Balu, Róberson e Eduardo;* agachados: *Hêider, Paulo Isidoro, Luís Gustavo, Careca e É*

Campeão mineiro 1990

Nélio Rodrigues

lson

O DONO DO TERREIRO É RUBRO-NEGRO

Pela segunda vez, o favorito Bahia fica pelo caminho

Desde que o rival Bahia conquistou o Brasileiro, em 1988, os rubro-negros resolveram mandar no próprio terreiro. E o bicampeonato baiano — o segundo da história do clube, 25 anos depois — ainda foi ganho com requintes de crueldade. Afinal, o Vitória correu atrás durante toda a fase de classificação, em que o tricolor venceu os dois turnos, e só arrancou para o título nas seis partidas do quadrangular final. Como se não bastasse, disputou a decisão com o Fluminense de Feira de Santana, deixando o eterno rival em terceiro lugar.

A festa não foi maior porque o campeonato parou no Tribunal de Justiça Desportiva. Impotentes diante do 0 x 0 do primeiro tempo, que dava o título ao Vitória, os jogadores do Fluminense decidiram não voltar a campo, aproveitando a desculpa de uma falta de luz momentânea. A manobra tentava forçar a realização de uma nova partida, em que o Flu recuperaria o tempo perdido. Não colou. O bi também foi confirmado fora de campo.

Tudo indicava que o campeonato seria conquistado pelo Bahia. No primeiro turno, o Vitória nem sequer conseguiu chegar à decisão. Além de liquidar o Galícia, o tricolor terminou a fase com o melhor ataque, a defesa menos vazada e o artilheiro, Charles, autor de quatro gols. Os rubro-negros, embora campeões do ano anterior, não conseguiam firmar o pé, mudando de time a cada partida. Na estréia do segundo turno, a equipe voltou a perder feio — 3 x 1 para o Fluminense —, o que provocou a queda do técnico André Catimba, o mesmo que brilhou como centroavante do Grêmio nos anos 70. Na hora de escolher o sucessor, prevaleceu a superstição dos dirigentes baianos: o eleito foi Carlos Gainete, campeão estadual pelo clube em 1985.

Gainete tinha a missão de classificar o time para as finais com apenas quatro jogos pela frente, um deles contra o temível rival. Venceu o Leônico por 4 x 0, o Bahia por 2 x 1, abrindo caminho até a decisão, novamente contra o tricolor. Perdeu o turno, mas garantiu a vaga no quadrangular. Uma reação suficiente para injetar ânimo num grupo de jogadores no qual se destacavam o meia Hugo e o ponta-esquerda Roberto Gaúcho.

Bahia campeão dos dois turnos, com quatro pontos; Galícia, vice do primeiro, e Vitória, vice do segundo, com um ponto cada; e Fluminense, pelo índice técnico, entraram em campo para a decisão do campeonato em jogos de ida e volta. Bastava uma derrota, em qualquer rodada, para os rubro-negros darem adeus ao bi. Logo na estréia, a vitória no clássico por 1 x 0, gol de Hugo, diminui a diferença para apenas um ponto. Pronto. Era o que faltava para jogar toda a pressão sobre o Bahia de Carbone, que a cada partida se desmanchava em campo.

A seriedade característica do técnico Gainete foi repassada para o gramado. Sem ser brilhante mas com um futebol bastante eficiente — firme na defesa e objetivo no ataque —, o Vitória voltou a fazer história. Afinal, não precisou mais do que três empates sem gols e três vitórias de 1 x 0 para deixar o Bahia na saudade. Um bicampeonato justo — no tamanho e no merecimento.

A DECISÃO

VITÓRIA 0 X FLUMINENSE 0
27 maio/90
Local: Fonte Nova (Salvador); **Juiz:** Edmundo Lima Filho; **Renda:** Cr$ 6 420 160; **Público:** 62 712.
VITÓRIA: Ronaldo, Jairo, Édson, Missinho e Silva; Reginaldo, Tobi e Hugo; André Carpes, Iédo e Roberto Gaúcho. Técnico: Carlos Gainete.
FLUMINENSE: Jorge, Itamar, Jorginho, Careca e Rivaldo; Zelito, Rivelino e Xodó; Quirino, Renilson e Baiano. Técnico: José Carlos Queiroz.

Fotos Fernando Vivas

Na decisão *(abaixo)*: 45 minutos de futebol, armação do adversário e festa no vestiário *(acima)*

O ARTILHEIRO

HUGO *conduziu o Vitória ao bicampeonato com seus sete gols — apenas um a menos que Marquinhos, do Bahia — e arrumou as malas para defender o Universidad Guadalajara, do México. Os 200 000 dólares da transação, cerca de 34 milhões de cruzeiros, jamais serão suficientes para os torcedores rubro-negros esquecerem o futebol incansável deste meia de 25 anos. Hugo Matos de Oliveira nasceu em Campinas (SP), mas se transferiu com a família para a Bahia ainda garoto. Começou a jogar no Fluminense de Feira de Santana.*

A CAMPANHA

1.º TURNO
Vitória 1 x Galícia 1
Vitória 1 x Jacuipense 0
Vitória 0 x Catuense 0
Vitória 1 x Serrano 1
1.º TURNO - SEMIFINAIS
Vitória 0 x Bahia 0
Vitória 0 x Bahia 2
2.º TURNO
Vitória 1 x Fluminense 3
Vitória 4 x Leônico 0
Vitória 2 x Bahia 1
Vitória 1 x Atlético 1
Vitória 0 x Itabuna 3
2.º TURNO - SEMIFINAIS
Vitória 0 x Fluminense 0
Vitória 1 x Fluminense 0
2.º TURNO - FINAL
Vitória 0 x Bahia 2
Vitória 1 x Bahia 1
QUADRANGULAR FINAL
Vitória 1 x Bahia 0
Vitória 0 x Galícia 0
Vitória 0 x Fluminense 0
Vitória 1 x Bahia 0
Vitória 1 x Galícia 0
Vitória 0 x Fluminense 0

VITÓRIA

Bicampeão baiano

Em pé: *Borges, Silva, Dema, Paulinho, Missinho, Reginaldo, Jairo, Ronaldo e Edson*; agachados: *Iêdo, Belmonte, André Carpes, Hugo, Tobi e Roberto Gaúcho*

PLACAR
Coca-Cola
Fernando Vivas

O ALEGRE SOBE-DESCE DOS RUBRO-NEGROS

Foi uma trajetória errática, mas com final feliz

"Uma montanha-russa de emoções", definiu um anônimo torcedor a trajetória do Atlético até conquistar o 16.º título paranaense de sua história. Perfeito. O rubro-negro venceu o primeiro turno aos trancos. Perdeu o segundo. E, no hexagonal decisivo (coisa de federação: um hexagonal disputado por doze clubes), deslizou num sobe-desce que durou até os últimos minutos do Atle-Tiba decisivo.

No primeiro turno, o Atlético, comandado pelo técnico Borba Filho, não conseguiu repetir a escalação por mais de dois jogos. Eram contusões demais. Ainda assim o time se manteve invicto nos primeiros dez jogos. Tudo bem? Nem tudo. Borba colocou o ponta-direita Carlinhos na reserva e a torcida não gostou. O carrinho começou a despencar logo no início do segundo turno, com a derrota para o Matsubara. Na quarta rodada, após humilhante goleada imposta pelo rival Coritiba, Borba Filho foi ejetado. O interino Nílson Borges não deu jeito. A situação só começou a melhorar quando o presidente José Carlos Farinhaqui se mexeu, contratando Gilberto Costa, André e Rizza e, um pouco mais tarde, o velho e experiente técnico Zé Duarte. Zé nunca havia faturado um título estadual de Primeira Divisão. "Mas ele chegou e se transformou no paizão da gente", conta Carlinhos. Começava outra subida de montanha. O Atlético vence sua última partida no segundo turno — 2 x 1 no Paraná Clube —, os jogadores se reúnem num boteco e fazem um pacto. "Prometemos disputar todos os jogos com aquela disposição", revela o meia Serginho.

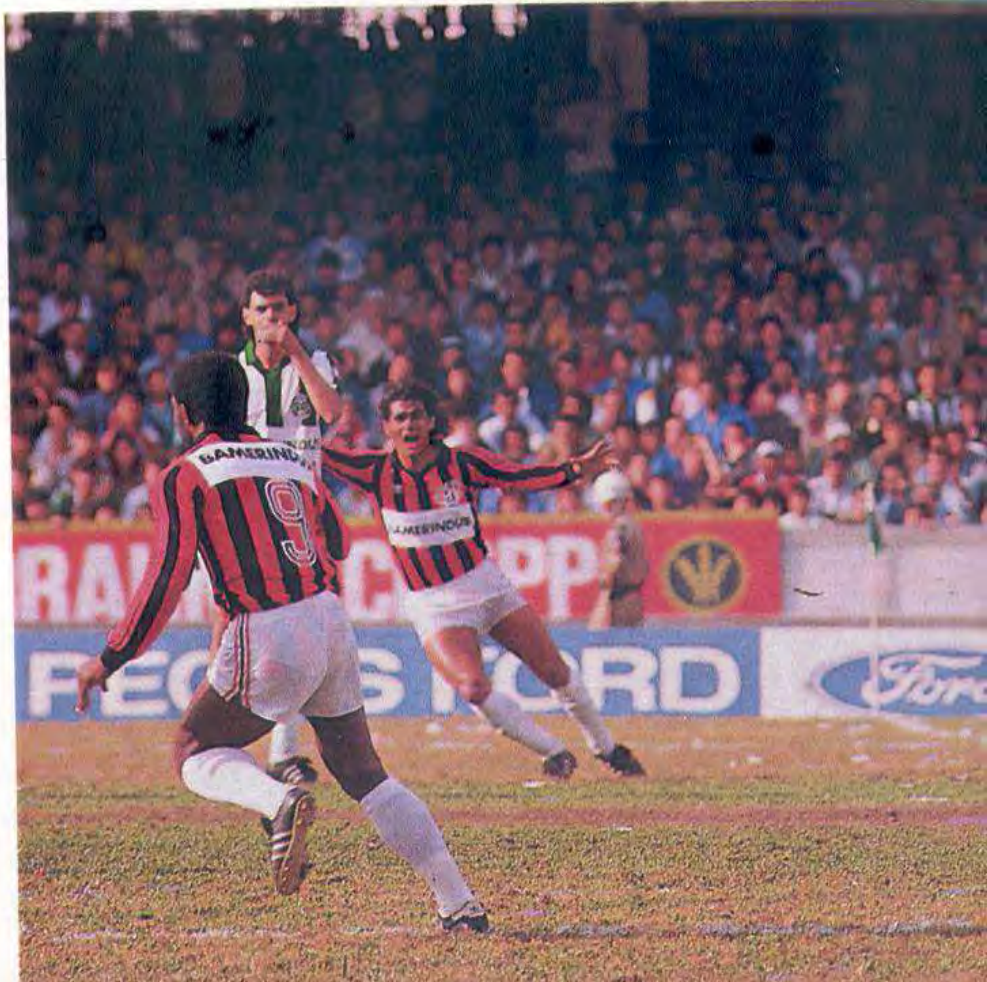
Vem a Copa do Mundo e Zé Duarte aproveita a interrupção do campeonato para aprimorar o conjunto — e descobre que o meio-campo reserva Valdir é um ótimo lateral-direito. No hexagonal, o time pega embalo, empata com o favorito Coritiba em 2 x 2 e enche a torcida de confiança. Mas, na primeira partida das semifinais, desanda de novo: perde mediocremente para o Operário-PG. No jogo de volta, o sofrimento dura até os 23 do segundo tempo, quando Serginho marca de pênalti. Na outra semifinal, o Coritiba despacha o Paraná. Haja coração para suportar as emoções de dois Atle-Tibas decisivos.

No primeiro, com o Couto Pereira tomado pelos coxas, estes se preparam para festejar a vitória, com o gol de Ronaldo aos 26 do segundo. O árbitro Tito Rodrigues já se prepara para encerrar o jogo. É quando o crioulo Dirceu, um centroavante atrevido, empata em linda cabeçada. Vem o tudo-ou-nada. Aos 5, Dirceu abre o marcador. Mas, aí, o carrinho começou nova descida: o Coritiba vira para 2 x 1 ainda no primeiro tempo. Tudo perdido? Que nada, vem aí outro aclive. O Atlético parte para um vigoroso, implacável cerco ao rival. Debaixo do sufoco, o aparvalhado zagueiro Berg marca contra aos 26. Chega de sofrimento. O Atlético está no topo, a torcida agita as bandeiras rubro-negras e grita: "É campeão!"

O Coritiba ainda tenta melar tudo no tapetão. Mas é o tal negócio: depois que o povo vai para a rua, o bicho para o bolso e a taça para o armário, não há volta possível.

A DECISÃO

CORITIBA 2 x ATLÉTICO 2
5/agosto/90
Local: Couto Pereira (Curitiba); **Juiz:** Afonso Vitor de Oliveira; **Renda:** Cr$ 17 252 850; **Público:** 37 343; **Gols:** Dirceu 5, Pachequinho 13 e Berg 45 do 1.º; Berg (contra) 26 do 2.º.
CORITIBA: Gérson, Ditinho, Berg, Jorjão e Paulo César; Hélcio, Serginho (Aurélio) e Tostão; Ronaldo, Moreno (André) e Carlinhos. **Técnico:** Paulo César Carpegiani.
ATLÉTICO: Marolla, Valdir, Leonardo, Heraldo e Odemilson; Cacau, Gilberto Costa e André (Oswaldo); Carlinhos, Dirceu e Rizza (Serginho). **Técnico:** Zé Duarte.

Sergio Vieira

Abaixo, a montanha-russa chega a seu destino, com o gol do título. Acima, o desabafo dos jogadores atleticanos, que só foi possível com a chegada de reforços de peso no meio do campeonato, como Gilberto Costa, ao lado

Sergio Vieira

Albari Rosa

A CAMPANHA

1.º TURNO
Campo Mourão 0 x Atlético 1
Atlético 1 x Apucarana 1
Grêmio Maringá 0 x Atlético 1
Operário 0 x Atlético 0
Atlético 3 x Platinense 2
Atlético 1 x Arapongas 0
Foz 1 x Atlético 2
Atlético 3 x Paranavaí 2
Iguaçu 0 x Atlético 1
Atlético 4 x Umuarama 0
2.º TURNO
Atlético 2 x Matsubara 3
Cascavel 2 x Atlético 2
Atlético 0 x Pato Branco 0
Coritiba 3 x Atlético 0
Atlético 0 x Toledo 0
9 de Julho 0 x Atlético 0
União Bandeirante 1 x Atlético 1
Atlético 0 x Grêmio Maringá 0
Atlético 0 x Londrina 1
Batel 2 x Atlético 1
Atlético 2 x Paraná 1
HEXAGONAL
Atlético 1 x Batel 0
Campo Mourão 1 x Atlético 5
Atlético 3 x Matsubara 2
Coritiba 2 x Atlético 2
Atlético 2 x Operário 0
Apucarana 1 x Atlético 2
SEMIFINAIS
Operário 2 x Atlético 1
Atlético 1 x Operário 0
FINAIS
Atlético 1 x Coritiba 1
Coritiba 2 x Atlético 2

O ARTILHEIRO

Sergio Sade

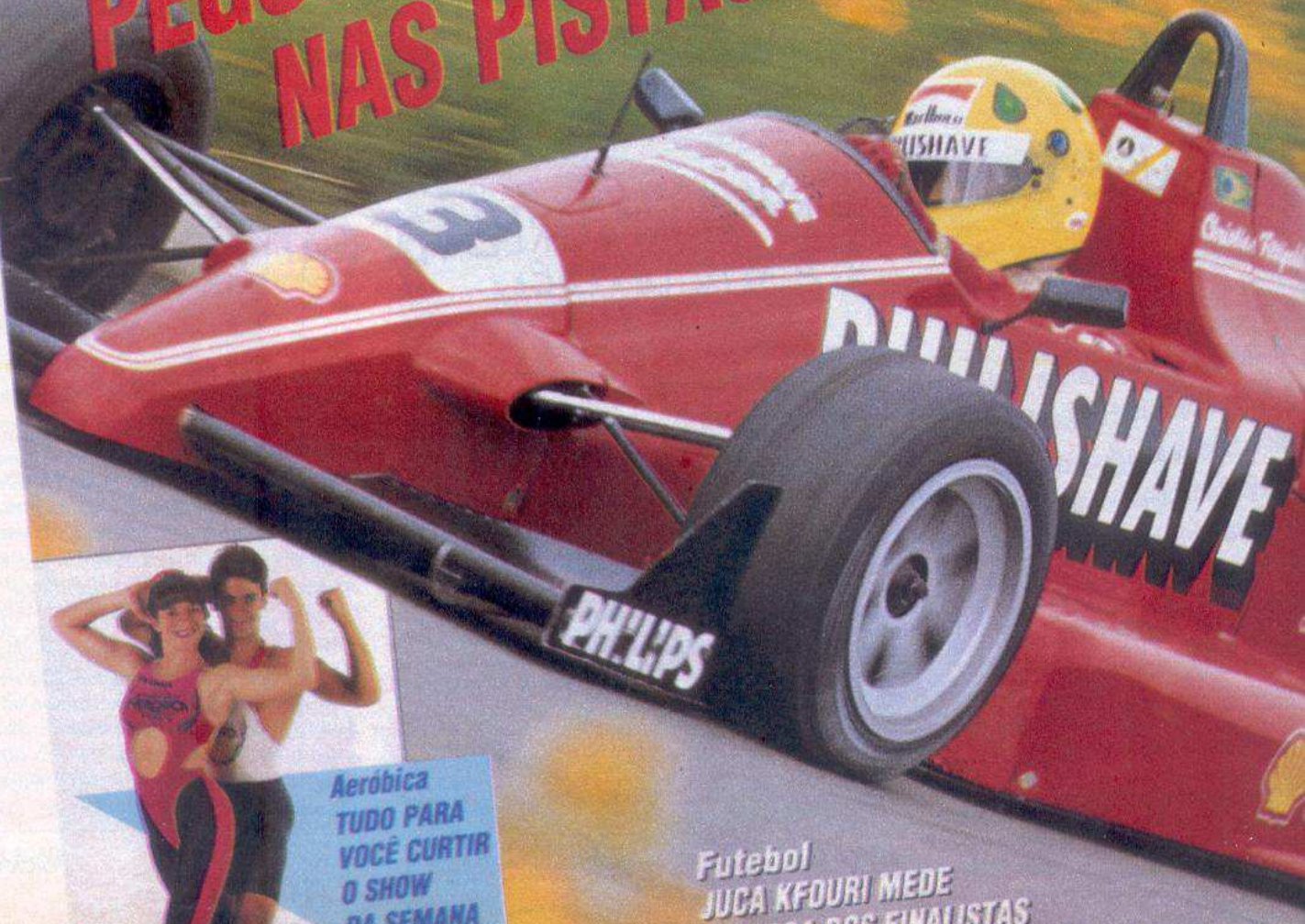
__KITA__ entrou no comando do ataque do Atlético só na quarta rodada e na metade do campeonato caiu fora, operado no joelho. Mesmo assim foi o goleador do rubro-negro, com dez gols. Aos 32 anos, João Leithardt Neto mantém a forma com que se revelou no interior gaúcho, em 1983. "Lamento não ter ganho o Gol oferecido ao artilheiro pela federação", diz. Chicão e Tico fizeram 20. Em forma, Kita teria faturado o automóvel.

ATLÉTICO Campeão paranaense

Sérgio Vieira

Em pé: *Valdir, Cacau, Leonardo, Heraldo, Odemílson e Marolla;* agachados: *Carlinhos, André, Gilberto Costa, Dirceu e Rizza*

se

O QUE VOCÊ VAI CURTIR

NO FIM DE SEMANA?

A revista A SEMANA EM AÇÃO tem muitas dicas para você. Com sua fórmula quentíssima de toda semana apresentar e cobrir as emoções do automobilismo, moto, surfe, vôlei, tênis, basquete, futebol, ligada no que a TV vai dar de melhor, além de mostrar as novidades em videogames, programas e belas gatinhas. Tudo em cores vibrantes e texto ágil. Toda quarta-feira numa banca perto de você.

E mais: agora a revista semanal de esportes, lazer e emoção da Editora Abril está lançando as edições especiais:

AÇÃO GAMES e AÇÃO AUTOMOBILISMO 90.

Entre já em Ação. E mergulhe na moda que está virando uma mania nacional.

AÇÃO GAMES

As novidades, estratégias e os recordes dos melhores jogos de vídeo

AÇÃO AUTOMOBILISMO 90

As emoções de todas as fórmulas, com a retrospectiva da temporada

TUDO QUE É BOM MERECE REPETIÇÃO

E o time da capital do carvão já pensa no tri

O ARTILHEIRO

SOARES foi o artilheiro do campeonato com catorze gols em 34 partidas. Ele cabeceia muito bem e é dos centroavantes que gostam de tabelar. Com 27 anos, José Carlos Soares já atuou no Bahia, no Londrina e no Santos, entre outros. Foi contratado em 1989.. Era do Mogi-Mirim, de São Paulo.

A CAMPANHA

TAÇA GOVERNADOR
Criciúma 2 x Hercílio Luz 1
Criciúma 4 x Ferroviário 1
Marcílio Dias 0 x Criciúma 2
Criciúma 2 x Blumenau 2
Figueirense 1 x Criciúma 2
Araranguá 1 x Criciúma 2
Joinville 2 x Criciúma 3
Criciúma 1 x Chapecoense 2
Criciúma 1 x Brusque 0
Caçadorense 4 x Criciúma 1
Criciúma 2 x Avaí 0
Hercílio Luz 1 x Criciúma 0
Ferroviário 0 x Criciúma 0
Criciúma 1 x Marcílio Dias 1
Blumenau 0 x Criciúma 0
Criciúma 1 x Figueirense 0
Araranguá 0 x Criciúma 0
Criciúma 3 x Joinville 2
Chapecoense 0 x Criciúma 4
Brusque 1 x Criciúma 1
Criciúma 2 x Caçadorense 0
Avaí 1 x Criciúma 2
Joinville 1 x Criciúma 1
Criciúma 1 x Joinville 0
HEXAGONAL PRINCIPAL
Criciúma 3 x Araranguá 0
Blumenau 1 x Criciúma 1
Criciúma 1 x Joinville 0
Criciúma 0 x Figueirense 0
Chapecoense 0 x Criciúma 0
Araranguá 0 x Criciúma 0
Criciúma 3 x Blumenau 0
Joinville 0 x Criciúma 0
Criciúma 1 x Figueirense 1
Criciúma 2 x Chapecoense 1
QUADRANGULAR FINAL
Criciúma 0 x Chapecoense 0
Criciúma 4 x Ferroviário 0
Joinville 0 x Criciúma 0
Chapecoense 0 x Criciúma 1
Ferroviário 0 x Criciúma 0
Criciúma 1 x Joinville 0

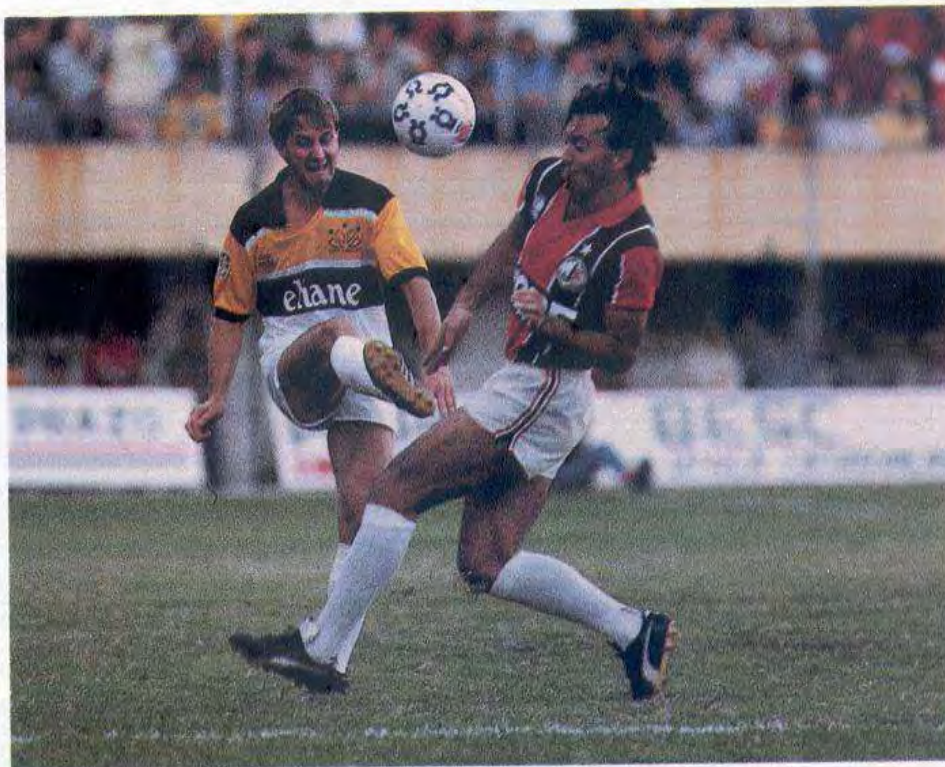
Termina o primeiro tempo e um temor percorre as arquibancadas do Estádio Heriberto Hülse: será que o Criciúma vai decepcionar justo na decisão deste 22 de julho? Até ali, quem dominou o gramado foi o Joinville, que só não está na frente porque seus atacantes falharam nas finalizações. Convenhamos que seria uma injustiça. O Criciúma investiu pesado na formação da equipe e, até a 40.ª partida — esta —, só perdera três. Na verdade, se não fosse o regulamento prever várias fases, a equipe já teria conquistado o bi algumas rodadas atrás. Mas é só começar o segundo tempo e os receios começam a se desfazer.

O Criciúma volta com meio-campo e defesa mais compactos e equilibra o jogo. O meia-armador Grizzo encontra espaço para os lançamentos. Na frente, Adílson Gomes, Soares e Vanderlei apavoram os beques do Joinville. O gol é só questão de tempo. E ele chega quando o centroavante Soares vai à linha de fundo e cruza para o ponta-esquerda Vanderlei emendar. O segundo título consecutivo está garantido. Basta levantar barricadas na intermediária.

O Criciúma teve muitos heróis. Um deles foi o técnico João Francisco, que pegou o time no meio da competição e não perdeu nenhuma de suas vinte partidas. Outro: Grizzo, articulador das jogadas ofensivas. Mais o incansável volante Roberto Cavalo, o arisco ponta-direita Adílson Gomes e, claro, o centroavante Soares, goleador do certame.

A DECISÃO

CRICIÚMA 1 x JOINVILLE 0
22/julho/90
Local: Heriberto Hülse (Criciúma); **Juiz:** José Roberto Wright; **Renda:** Cr$ 2 847 200; **Público:** 11 192; **Gol:** Vanderlei 20 do 2.°.
CRICIÚMA: Alexandre, Sarandi, Wilson, Evandro e Itá; Roberto Cavalo, Gélson e Grizzo (Alaércio); Adílson Gomes, Soares e Vanderlei. **Técnico:** João Francisco.
JOINVILLE: Gilmar, Raul, Edinho (Ademir), Everaldo e Gilberto; Evandro (Maringá), Nardela e Capanema; Sidnei, Vandick e Gilson.
Técnico: Borba Filho.

No segundo tempo, o Criciúma encurralou o Joinville até chegar ao gol que daria o bi

CRICIÚMA Bicampeão catarinense

Em pé: Sarandi, Alexandre, Roberto Cavalo, Evandro, Wilson e Itá; agachados: Adilson Gomes, Gelson, Soares, Grizzo e Vanderlei

Roberto Scolo

COLATINA
Campeão capixaba

Em pé: *Jacimar, Cacau, Sandro, Wallace, Japonês, Luís Carlos Hippie, Zuza (técnico)*; agachados: *Cuíca (massagista), Carlos Mantenópolis, Arildo, Hamilton, Wellington e Garrafa*

COLATINA *Campeão capixaba*

TÃO FÁCIL, QUE DEU ATÉ PARA FOLGAR

Na hora H, foi só reacender a chama e faturar

Como quase sempre acontece com os grandes favoritos, o Colatina conquistou com facilidade o primeiro turno, mas chegou a receber vaias de sua torcida pelo desempenho que apresentou após garantir a vaga nas finais. Só que na hora H a Desportiva e o Guarapari — os outros integrantes do triangular final — não tiveram vez.

Ao levar o título para Colatina, a 125 km de Vitória, o clube local confirmou a hegemonia do futebol do interior do Espírito Santo — a capital só faturou um nos últimos quatro anos. Para garantir essa superioridade, o Colatina investiu forte. Contratou o técnico Zuza, campeão de 1988 pelo Ibiraçu, e os melhores jogadores do Estado. De fora, trouxe um ataque inteiro: Carlos Mantenópolis, Arildo e Elias.

Assim, o time só podia brilhar. E não negou fogo. Em nove rodadas, somou catorze pontos, marcando catorze gols e sofrendo apenas três. A torcida aplaudia a valer. Aí, começado o segundo turno, bateu a preguiça. Na sétima rodada, no empate com o Ordem e Progresso, a torcida explodiu em vaias. Nem assim o Colatina se tocou: perdeu também as duas partidas restantes do segundo turno. Mas, no *vamos ver*, ressurgiu aquela equipe raçuda e de toques envolventes que iniciara o campeonato. Na primeira partida, 1 x 0 sobre a Desportiva. Beneficiado pelo 0 x 0 entre esta e o Guarapari, o Colatina foi para o jogo decisivo precisando só do empate. A torcida do Guarapari transformou o estádio local numa panela de pressão. Nessa ocasião, valeu a experiência dos novos contratados. Arildo, o artilheiro da equipe, garantiu o 1 x 1 e mais uma festa do interior.

O ARTILHEIRO

***ARILDO** foi o atacante mais competente do Colatina no Campeonato Capixaba, com sete gols. Graças à privilegiada estatura — 1,85 m —, ele tem sua característica principal no cabeceio. Arildo Nascimento, 30 anos, um tipo sempre bem-humorado que não se importa com o apelido de* Ratão, *começou sua carreira no Estrela, de Cachoeiro do Itapemirim. Em 1981 ele já estava no Colatina, disputando a Taça de Prata (então o esboço da Segunda Divisão do Campeonato Brasileiro). Após o certame capixaba deste ano, Arildo se transferiu para o Fluminense da Bahia. Por ironia, eliminou o Colatina, no Grupo C do Brasileiro. Com um gol a seu estilo — de cabeça.*

A DECISÃO

GUARAPARI 1 x COLATINA 1
4/junho/90
Local: Davino Matos (Guarapari); **Juiz:** Aírton Bandeira Filho; **Renda:** Cr$ 330 000; **Público:** 3 700; **Gols:** Arildo 31 do 1.º; Cacau (contra) 43 do 2.º.
GUARAPARI: Dênis, Aleixo, Gilmarzinho, Piquete, Adilson e Oliveira; Auri, Wesley e Dioney; Tonico (Bel) e Marcelinho. **Técnico:** Elci Rodrigues.
COLATINA: Sandro, Jacimar, Cacau, Hippie e Wallace; Japonês, Garrafa e Hamilton (Pádua); Carlos Mantenópolis, Arildo e Wellington. **Técnico:** Zuza.

A CAMPANHA

1.º TURNO
Colatina 2 x Castelo 1
Vitória 0 x Colatina 1
Colatina 1 x Guarapari 0
Colatina 2 x Estrela 1
Ibiraçu 1 x Colatina 0
Colatina 1 x Rio Branco 0
Ordem e Progresso 1 x Colatina 1
Colatina 1 x Desportiva 1
Muniz Freire 1 x Colatina 5
2.º TURNO
Castelo 0 x Colatina 2
Colatina 1 x Vitória 1
Guarapari 2 x Colatina 1
Estrela 1 x Colatina 0
Colatina 1 x Ibiraçu 1
Rio Branco 1 x Colatina 0
Colatina 1 x Ordem e Progresso 1
Desportiva 1 x Colatina 0
Colatina 1 x Muniz Freire 4
TRIANGULAR FINAL
Colatina 1 x Desportiva 0
Guarapari 1 x Colatina 1

Jogo final em Guarapari: o lateral-esquerdo Wallace, do Colatina *(à direita na foto)*, parte com tudo para cima de Auri para garantir o 1 x 1

DE DESCONHECIDO A PAVOR DOS BACANAS

O time de Dourados bate nos grandes da capital

Atingindo a maioridade: o Ubiratan recebe as faixas de campeão do Cruzeiro de Minas

Até cinco anos atrás, quem fosse ao Mato Grosso do Sul e quisesse saber alguma coisa sobre o Ubiratan, de Dourados, teria de consultar em amareladas coleções de jornais. Hoje não é preciso perguntar nada: a surpresa dos adversários e a alegria dos torcedores desse clube, que ainda perduram, dão conta de que o Ubiratan é nada menos que campeão estadual.

Fundado em 1947, o time de Dourados construiu uma história bonita nos tempos do amadorismo, quando era conhecido como *O Leão da Fronteira*, por sua garra. Ao se profissionalizar, nos anos 70, porém, o Ubiratan se afundou em dívidas e a saída foi se licenciar — um período que durou de 1978 a 1985. Quando resolveu retornar, o clube esbarrou num obstáculo: uma dívida que na época andava pelos 12 milhões de cruzeiros. Quase perdeu o patrimônio. Mas, como seus novos cartolas eram endinheirados, a solução acabou aparecendo. Daí para a formação de um bom time foi um passo.

Em 1988, o Ubiratan esteve para conquistar o título — perdeu para o Operário na final por 1 x 0. No ano seguinte, também chegou perto, ficando com o terceiro lugar. Em 1990, finalmente, teve seus sacrifícios recompensados. Reforçou a equipe, passou por forças tradicionais do Estado — Operário e Comercial de Campo Grande — e chegou às finais com o Naviraiense como favorito. Confirmou. Venceu a primeira partida por 1 x 0. Na segunda, apesar das pressões (a torcida adversária chegou a invadir o gramado), sustentou um heróico 0 x 0. Desde aquele dia, o alvo das perguntas dos turistas é pelos outros clubes do Mato Grosso do Sul.

O ARTILHEIRO

COCÃO chegou a despertar o interesse do técnico Carbone, do Cruzeiro, no jogo de entrega das faixas, vencido pelos mineiros por 3 x 0. Com futebol rápido e agressivo, este ponta-direita de 24 anos marcou treze gols no campeonato e se transformou na estrela do Ubiratan. Contratado ao América do Rio, ele se tornou um excelente negócio para os dirigentes, que estipularam seu passe em 8 milhões de cruzeiros. Dinheiro que seguramente serviria para trazer vários reforços, mas que jamais diminuiria a saudade dos torcedores. Para eles, Cocão era a certeza de show no Morenão.

A CAMPANHA

1.º TURNO
Ubiratan 2 x Cassilandense 2
Taveirópolis 0 x Ubiratan 4
Ubiratan 0 x Naviraiense 1
Ubiratan 0 x Gianinni 0
Ponta Porã 2 x Ubiratan 1
Ubiratan 6 x Angive 0
Comercial 0 x Ubiratan 0
Ubiratan 3 x Aquidauana 2
Ubiratan 0 x Operário 0
Sidrolândia 0 x Ubiratan 1
2.º TURNO
Ubiratan 4 x Taveirópolis 0
Naviraiense 1 x Ubiratan 0
Ubiratan 2 x Ponta Porã 1
Cassilandense 0 x Ubiratan 1
Gianinni 1 x Ubiratan 0
Angive 2 x Ubiratan 2
Ubiratan 0 x Comercial 0
Aquidauana 2 x Ubiratan 1
Ubiratan 2 x Sidrolândia 1
Operário 0 x Ubiratan 1
QUARTAS-DE-FINAL
Ubiratan 1 x Gianinni 0
Gianinni 0 x Ubiratan 0
FINAL
Ubiratan 1 x Naviraiense 0
Naviraiense 0 x Ubiratan 0

UBIRATAN

Campeão sul-mato-grossense

ABC

Campeão potiguar

Em pé: *Eloy (preparador físico), Mano, Arimatéia, Washington, Toté, Quinho, Lotti, Roberto Nascimento e Roberto Vital (médico)*; agachados: *Joca (roupeiro), Furão (massagista), Zinho, Silvinho, Vamberto, Rogério e Galeguinho*

O FIM DE UM SUFOCO DE CINCO ANOS

O mais querido do Rio Grande do Norte renasce

Depois de cinco anos sem ver um título, o ABC, clube mais popular do Rio Grande do Norte, finalmente tirou o pé do barro. Ali, no gramado, foi fácil: o time faturou os três turnos e, se não fosse por um golzinho que levou do América, ainda no primeiro turno, teria sido campeão invicto. Mas, para chegar a resultado tão brilhante, o trabalho foi muito duro lá nos gabinetes — mais precisamente na tesouraria. O clube se aproximou de um empresário cheio da grana, Fernando Freire. O homem contratou o técnico Mauro Fernandes, de bom retrospecto em times da Paraíba e Pernambuco. E bastava Fernandes pedir um jogador para Freire soltar o dinheiro. Vieram catorze: Ramos, Evaristo, Hermes (Botafogo-PB), Hermes (Treze), Roberto Nascimento, Washington, Arimatéia, Aldevandro, Toté, Silvinho, Lameu, Kléber, Lopes e o principal deles, o centroavante Vamberto, artilheiro da Paraíba. Juntaram-se a uma bem peneirada turma da casa — em que se destacou o ponta-direita Zinho — e o que se viu foi um passeio de ponta a ponta. O arquiinimigo América tinha reforçado seu bom time para conquistar o tetra, mas não contava com a incrível mobilização do chamado *clube das letras*.

Na penúltima partida, considerada chave para a conquista do título, o ABC realizou sua melhor atuação, aplicando 3 x 0 no Baraúnas. Ali, até mais do que na final, contra o América, funcionou o ótimo esquema tático de Mauro Fernandes. Que, aliás, não tem nenhum mistério: cada jogador em sua posição e disposição permanente de atacar. Um título justo, o 40.º nos 75 anos de vida do ABC.

A DECISÃO

ABC 1 x AMÉRICA 0
20/maio/90
Local: João Machado (Natal); **Juiz:** Válter Senra; **Renda:** Cr$ 1 460 000; **Público:** 15 658; **Gol:** Vamberto 27 do 2.º.
ABC: Washington, Lotti, Arimatéia, Toté e Quinho; Roberto Nascimento (Odilon), Rogério e Silvinho; Zinho, Vamberto e Galeguinho (Aldevandro). **Técnico:** Mauro Fernandes.
AMÉRICA: Eugênio, Betinho, Gito, Argeu e Baeca; Erijânio (Lico), Oliveira e Dede (Marinho); Marquinhos, Paloma e Baica. **Técnico:** Ferdinando Teixeira.

O ARTILHEIRO

VAMBERTO Firmino da Silva, 27 anos, 1,78 m, fez seis gols. Não foi uma grande marca. Em 1989, atuando pelo Nacional de Patos, ele conquistou a artilharia do Campeonato Paraibano, com 22 gols. "Dependo muito dos lançamentos", ele se desculpa. E, no ABC, Vamberto não tinha um especialista fazendo passes para ele. É o típico centroavante oportunista: está sempre bem colocado, à espera de um cruzamento ou de um rebote. Apesar de alto e forte, é extremamente veloz. "Não gosto de driblar, só faço isso para passar pelo último zagueiro", diz. Fez poucos gols, é verdade. Mas de quem foi o da decisão? Dele, Vamberto.

Vamberto engana o goleiro Betinho, do América, e sai para o abraço. Era o fim do jejum do ABC

A CAMPANHA

1.º TURNO
ABC 2 x Alecrim 1
ABC 2 x Potiguar 0
ABC 2 x Baraúnas 2
ABC 0 x América 1
ABC 2 x América 0
ABC 1 x América 0
ABC 0 x Baraúnas 0
ABC 0 x América 0
ABC 1 x Potiguar 1
ABC 2 x Alecrim 1
ABC 2 x América 2
ABC 1 x América 0
2.º TURNO
ABC 1 x Alecrim 1
ABC 1 x Baraúnas 0
ABC 2 x Potiguar 0
ABC 2 x América 2
ABC 1 x América 1 (na prorrogação, 1 x 1; nos pênaltis, ABC 4 x 2)
3.º TURNO
ABC 0 x Alecrim 0
ABC 2 x Potiguar 0
ABC 3 x Baraúnas 0
ABC 1 x América 0

A VINGANÇA VEIO ANTES DA DECISÃO

Comercial ganha o 1.º turno. E morre na véspera

O 30.º título do CSA em seus 76 anos de vida premiou a melhor equipe. Em trinta jogos — nove em cada um dos três turnos e três no triangular decisivo —, o Centro Sportivo Alagoano perdeu apenas dois, empatou oito e obteve vinte vitórias. Não exibiu o melhor ataque, é verdade. Sua artilharia marcou 47 vezes, uma menos que a do Comercial. Mas sua defesa foi a menos vazada, com doze gols. Ou seja, o CSA teve a equipe mais equilibrada, um fator importante para quem quer ser campeão.

O time azul poderia ter comemorado o título ao final do terceiro turno. Este, como o segundo, foi vencido por ele. Acontece que perdera o primeiro para o Comercial — no saldo de gols, já que em pontos os dois estavam iguais. Doce vingança: no triangular, o Comercial perdeu para o CSE, em Palmeira dos Índios (1 x 2, de virada), e deu o caneco ao CSA por antecipação. Uma carreata agitou Maceió naquela quarta-feira à noite. Foi um carnaval. O centroavante Luís Carlos, que acompanhava o jogo pelo rádio num barzinho à beira-mar, entusiasmou-se, pegou uma carona e foi participar do desfile. O jogo do domingo seguinte, contra o Comercial, em Viçosa, serviu apenas para a colocação das faixas. Foi 0 x 0 e transcorreu em clima de amistoso. Convenhamos: o CSA merecia essa moleza final.

O ARTILHEIRO

CHICO não decepcionou os que o consideram uma das maiores revelações do CSA nos últimos tempos. Francisco dos Santos Ângelo, 23 anos, criado no clube desde o dente-de-leite, marcou treze dos 47 gols da equipe no campeonato. Ponta-de-lança habilidoso, ele aproveitava o chute forte para bater de fora da área. E também seu 1,80 m, para surgir repentinamente de trás e concluir os cruzamentos com fulminantes cabeçadas.

A CAMPANHA

1.º TURNO
CSA 4 x CSE 0
Capelense 0 x CSA 1
São Sebastião 0 x CSA 1
CSA 2 x Penedense 0
CSA 1 x ASA 0
Cruzeiro 2 x CSA 2
CSA 2 x Ipanema 1
Comercial 0 x CSA 0
CSA 1 x CRB 1
2.º TURNO
CSA 1 x São Sebastião 0
Ipanema 0 x CSA 0
ASA 1 x CSA 2
CSA 2 x Cruzeiro 0
CSA 2 x Capelense 1
Penedense 0 x CSA 0
CSE 1 x CSA 1
CRB 1 x CSA 2
CSA 0 x Comercial 0
3.º TURNO
CSA 0 x CSE 1
Comercial 0 x CSA 0
São Sebastião 0 x CSA 2
CSA 2 x Cruzeiro 0
CSA 8 x Ipanema 0
ASA 0 x CSA 1
Penedense 0 x CSA 3
CSA 2 x Capelense 1
CSA 1 x CRB 0
TRIANGULAR FINAL
CSE 0 x CSA 2
CSA 0 x Comercial 1
CSA 2 x CSE 1
Comercial 0 x CSA 0

A DECISÃO

COMERCIAL 0 X CSA 0
3/junho/90
Local: Teotônio Vilela (Viçosa); **Juiz:** Juarez Inácio; **Renda:** Cr$ 150 400; **Público:** 3 200.
COMERCIAL: Jorge Hipólito, Edmilson, Marcão, Sílvio e Wellington; Bitonho, Peu e Carioca (Tote); Geraldo, Dentinho e Fernando (Nascimento). Técnico: Pompéia.
CSA: Wilson, Carlinhos Marechal, Café, Neném e Zezinho; Coca (Délio), Chico e Carlos Silva; Ailton, Luís Carlos e Ivã (Dino). Técnico: Givanildo de Oliveira.

Fotos Adalson Calheiros

O CSA entrou na final apenas para colocar as faixas

CSA Campeão alagoano

AUTO ESPORTE Campeão paraibano

Em pé: *Jorge Pinheiro, Farias, Bruno, Gilvan e Mano;* agachados: *Santana Filho, Cao, Isaias, Neto Surubim, Betinho e Álvaro*

AUTO ESPORTE **Campeão paraibano**

SOFREU, TROCOU, MEXEU, MAS ENGRENOU

Clube dos motoristas muda até chegar ao caneco

Até ser campeão, o Auto Esporte deu várias sacudidas. Se o campeonato teve três fases, igual número de técnicos passou pelo comando de sua equipe: Dagoberto Borges, Natal Boroni (aquele ponta-direita do Cruzeiro dos tempos de Tostão e Dirceu Lopes) e Mineiro. Também reformulou radicalmente o time no segundo turno.

Borges começou a temporada com um elenco pobre, formado à base de uma peneira com atletas de clubes amadores. Resultado: um péssimo primeiro turno e o técnico substituído por Natal, que havia dado o título dessa fase ao Nacional de Patos. A chegada do novo treinador coincidiu com a decisão dos dirigentes de meter a mão no bolso. Vieram Jorge Pinheiro, Álvaro e Cao, do Náutico, do Recife, além do velho Joãozinho Paulista e do excelente Neto Surubim. Ao chegar em primeiro, o chamado *clube dos motoristas* salvou a própria pele e a competição — se o Nacional vencesse também o segundo turno, seria campeão. Mas eis que Natal recebe uma proposta irrecusável e volta ao Nacional. Mais: os indisciplinados Joãozinho Paulista e Sandoval são mandados embora. Contudo, com uma solução caseira — o técnico Mineiro —, o Auto cresceu no período decisivo e chegou ao título. Quando foi campeão em 1987, o clube quebrou um jejum de 29 anos. Dessa vez, não esperou tanto para dar uma alegria a sua pequena legião de torcedores.

A DECISÃO

AUTO ESPORTE 1 x BOTAFOGO 0
20/maio/90
Local: Almeidão (João Pessoa); **Juiz:** Ivan Fernandes; **Renda:** Cr$ 380 420; **Público:** 6 302; **Gol:** Neto Surubim 20 do 1.º.
AUTO ESPORTE: Jorge Pinheiro, Santana Filho, Gilvan, Carlinhos Paraíba e Marco; Farias, Neto Surubim (Adriano) e Álvaro; Cao (Gilmar), Isaías e Betinho. **Técnico:** Mineiro.
BOTAFOGO: Marola, Chiquinho, Josenildo, Jorge e Gérson (Galeguinho); Washington Lobo, Dau e João Antônio; Miltinho (Luciano), Carlão e Riva. **Técnico:** Carlos Morais.

Até posar para o último jogo, o Auto Esporte enfrentou diversas crises

O ARTILHEIRO

NETO SURUBIM *chegou ao Auto Esporte somente na terceira rodada do segundo turno, mas com tempo suficiente para levar a equipe ao título estadual. Marcou sete dos 33 gols do time no campeonato e caiu no agrado da torcida, com seus dribles e chutes fortes. "Sou um jogador que sempre acompanha a bola na área inimiga", define-se, com satisfação. "Se houver condições, estou lá fazendo meus golzinhos." Mas, por motivos disciplinares, Surubim quase foi dispensado pela diretoria. Ele reclamou dos atrasos nos salários e desabafou na final: "Provei que sou profissional".*

A CAMPANHA

1.º TURNO
Auto Esporte 0 x Botafogo 0
Auto Esporte 1 x Nacional-C 0
Auto Esporte 0 x Campinense 2
Auto Esporte 0 x Treze 0
Auto Esporte 0 x Nacional-P 0
Auto Esporte 2 x Santos 0
Auto Esporte 1 x Guarabira 0
Auto Esporte 0 x Santa Cruz 0
Auto Esporte 0 x Esporte 2
2.º TURNO
Auto Esporte 2 x Campinense 0
Auto Esporte 2 x Nacional-C 0
Auto Esporte 2 x Treze 1
Auto Esporte 1 x Botafogo 1
Auto Esporte 2 x Nacional-P 3
Auto Esporte 3 x Santos 1
Auto Esporte 2 x Guarabira 1
Auto Esporte 3 x Santa Cruz 0
Auto Esporte 2 x Esporte 1
QUADRANGULAR
Auto Esporte 1 x Botafogo 0
Auto Esporte 1 x Esporte 2
Auto Esporte 1 x Nacional-P 2
Auto Esporte 5 x Nacional-P 4
Auto Esporte 1 x Esporte 0
Auto Esporte 1 x Botafogo 0

COM A MESMA BASE FICA MAIS FÁCIL

Os craques e o técnico ficaram para repetir a dose

Virou rotina. Como no ano passado, o Ceará desfilou pelo Campeonato Estadual sem medo algum. Nos quatro turnos, quinze vitórias, nove empates e apenas cinco derrotas. Ferroviário, Fortaleza e Tiradentes se revezaram como sacos de pancada, tanto que o alvinegro foi o único a disputar as finais de todas as fases do campeonato, vencendo três. Com a base do time que conquistou o título anterior — o goleiro Roberval, o lateral Paulo César, os meias Gérson Sodré e Carlos Alberto Borges e os atacantes Hélio e Marquinhos Capivara —, foi fácil para o técnico Dimas Figueiras conduzir o time ao bi.

Na partida decisiva, contra o rival Fortaleza, o "Carrasco" Hélio tratou de dar início à festa da galera aos 42 minutos do primeiro tempo. A ala alvinegra do Castelão já explodiu em festa, certa de que novamente assistiria à volta olímpica do Ceará. Ainda mais quando o ponta Santos estabeleceu 2 x 0, logo aos 10 minutos do segundo tempo. Ninguém conseguia acompanhar o clássico sentado. Bem que o Fortaleza tentou estragar o carnaval, com o gol do ponta Valdir, aos 31. Mas já não havia tempo para qualquer reação. A partir dali, a equipe de Dimas Figueiras tocou a bola, fez o tempo passar e correu para os braços dos 30 000 torcedores. Havia terminado mais um passeio alvinegro.

O ARTILHEIRO

HÉLIO ganhou da torcida do Ceará o apelido de Carrasco. Não é para menos. Em 1989, marcou cartoze gols no estadual. Em 1990, foi melhor ainda: mandou a bola para as redes 18 vezes, participando de 25 dos 28 jogos do alvinegro. Aos 25 anos, o sonho de Hélio de Oliveira Souto, o Carrasco, é jogar no Rio de Janeiro.

A CAMPANHA

1.º TURNO
Ceará 0 x Tiradentes 1
Ceará 0 x Guarany-S 1
Ceará 1 x Ferroviário 0
Ceará 0 x Fortaleza 0
CRUZAMENTO
Ceará 3 x América 1
FINAIS DO 1.º TURNO
Ceará 3 x Fortaleza 2
Ceará 1 x Fortaleza 1
2.º TURNO
Ceará 3 x Guarany-S 0
Ceará 1 x Tiradentes 2
Ceará 3 x América 0
Ceará 0 x Fortaleza 0
CRUZAMENTO
Ceará 3 x Guarani-J
FINAIS DO 2.º TURNO
Ceará 3 x Tiradentes 0
Ceará 0 x Tiradentes 0
3.º TURNO
Ceará 0 x Guarani-J 0
Ceará 3 x América 2
Ceará 3 x Tiradentes 0
CRUZAMENTO
Ceará 1 x Tiradentes 1
FINAIS DO 3.º TURNO
Ceará 0 x Fortaleza 0
Ceará 0 x Fortaleza 0
4.º TURNO
Ceará 3 x Guarani-J 0
Ceará 2 x Tiradentes 0
Ceará 1 x Quixadá 0
Ceará 1 x Fortaleza 2
CRUZAMENTO
Ceará 1 x Guarany-S 0
FINAIS DO 4.º TURNO
Ceará 1 x Fortaleza 1
Ceará 1 x Fortaleza 0
FINAIS
Ceará 0 x Fortaleza 2
Ceará 2 x Fortaleza 1

A DECISÃO

CEARÁ 2 x FORTALEZA 1
7/junho/90
Local: Castelão (Fortaleza); **Juiz:** Luís Vieira Vila Nova; **Renda:** Cr$ 3 610 590; **Público:** 28 209; **Gols:** Hélio 42 do 1.º, Santos 10 e Valdir 31 do 2.º.
CEARÁ: Roberval, Ivanildo, Aírton, Édson Barros e Paulo César; Beto Cruz, Carlos Alberto Borges e Gérson Sodré (Gilmário); Santos (Márcio), Hélio e Marquinhos Capivara; **Técnico:** Dimas Figueiras.
FORTALEZA: Salvino, Expedito, Marcelo, Pedro Diniz e Racinha; Alves, Arthurzinho, Gilmar Pagotto e Alberto (Eliezer); Bugrão e Marquinhos Paulista (Valdir); **Técnico:** Lucinho.

Um carnaval previsto desde o início da competição: a volta olímpica do alvinegro

Fotos Diario do Nordeste

CEARÁ

Bicampeão cearense

Foto do Mitonho

PLACAR

Em pé: *Roberval, Ivanildo, Édson Barros, Beto Cruz, Aírton e Paulo César;* agachados: *Santos, Gérson Sodré, Carlos Alberto Borges, Hélio e Marquinhos Capivara*

TIRADENTES

Campeão piauiense

PLACAR

Em pé: *Sargento Assis (preparador físico), Julival, Valdo, Toreca, Edvan, Josenilton e China;* agachados: *Indio, Biro-Biro, Zé Augusto, Eduardo e Etevaldo*

TIRADENTES **Campeão piauiense**

OS ADVERSÁRIOS BATEM CONTINÊNCIA

Time do quartel vence a guerra após oito anos

O ARTILHEIRO

ETEVALDO Pereira da Silva, 32 anos, marcou poucos gols: cinco. Mesmo assim, ficou a apenas dois do goleador do campeonato, Aníbal, do Auto Esporte. E confirmou a fama de "artilheiro das decisões": na final, fez o seu, como fizera em 1985, 1987 e 1988. De estilo clássico, Etevaldo é um exímio cabeceador, e poucos atacantes nordestinos amortecem uma bola no peito como ele. Quando o Tiradentes foi campeão pela última vez, ele participou da campanha com destaque. Vendido ao Flamengo-PI, sagrou-se tricampeão estadual. Este ano retornou por empréstimo, e era o único remanescente da conquista de 1982. O Flamengo bem que se arrependeu. Embora veterano, Etevaldo garante que ainda tem muitos gols a dar.

A CAMPANHA

1.º TURNO
Comercial 0 x Tiradentes 0
Auto Esporte 0 x Tiradentes 0
Tiradentes 1 x River 0
Paysandu 1 x Tiradentes 2
Quatro de Julho 1 x Tiradentes 0
Tiradentes 2 x Quatro de Julho 0
Auto Esporte 0 x Tiradentes 0
Tiradentes 2 x Auto Esporte 1
2.º TURNO
Parnaíba 1 x Tiradentes 2
Tiradentes 3 x Caiçara 2
Quatro de Julho 3 x Tiradentes 0
Tiradentes 2 x Piauí 0
Tiradentes 2 x Flamengo 1
Quatro de Julho 0 x Tiradentes 0
Tiradentes 1 x Quatro de Julho 0
Caiçara 1 x Tiradentes 0
Tiradentes 0 x Caiçara 0
FINAIS
Caiçara 0 x Tiradentes 0
Tiradentes 1 x Caiçara 0

Fotos Cícero Alexandre

O goleiro China garantiu o 0 x 0 com o Caiçara no primeiro jogo da decisão, em Campo Maior

Por pertencer à Polícia Militar do Piauí, o Tiradentes não precisa gastar muito para formar uma boa equipe. Em Teresina, concentra-se no quartel-general. Nas viagens ao interior, hospeda-se em quartéis e come por conta dos militares. Por isso, não fazia sentido que seu último título estadual datasse do remoto ano de 1982. Em 1990, porém, tudo foi diferente.

Com algum dinheiro em caixa, os dirigentes partiram para os reforços. Começaram tirando o goleiro China e o meio-campo Zé Augusto do inimigo local, o River. Com o Flamengo, também da terra, conseguiram por empréstimo o atacante Etevaldo. Ao mesclá-los com outros jogadores de fora e com a prata da casa, o Tiradentes formou o melhor esquadrão do Estado e finalmente saiu do sufoco. Ganhou o primeiro turno até com certa facilidade. No segundo, surgiram problemas, e o *Amarelão da PM* deixou de liquidar a fatura por antecipação ao perder para o Caiçara, de Campo Maior. Mas, para a decisão, contra o próprio Caiçara, a equipe estava acesa. O técnico Edvaldo Lopes, que havia saído durante o segundo turno, voltou e incendiou seus comandados. Na primeira partida, empate em 0 x 0. Na segunda, 1 x 0, com gol de Etevaldo. A torcida festejou muito o quinto título do Tiradentes, que já fora campeão em 1972, 1974, 1975 e 1982. Acima de tudo, os foguetes que iluminaram os céus de Teresina significavam o fim do jejum. Pertenceu ao Tiradentes, também, o gol mais esquisito dos últimos anos. Na partida contra o Flamengo, o zagueiro Julival bateu uma falta de sua intermediária e acertou o ângulo.

A DECISÃO

TIRADENTES 1 x CAIÇARA 0
12/agosto/90
Local: Alberto Silva (Teresina); **Juiz:** Lineu Antônio Lisboa; **Renda:** Cr$ 468 280; **Público:** 4 775; **Gol:** Etevaldo 14 do 2.º.
TIRADENTES: China, Edvan (Carlão), Julival, Valdo e Josenilton; Toreca, Biro-Biro e Zé Augusto; Índio, Etevaldo e Eduardo (Santos). **Técnico:** Edvaldo Lopes.
CAIÇARA: Dalmir, Paulo César, Carlão, Newton e Alencar; Xixá, Lacerda e Washington (Toinzinho); Índio (Beloar), Cordeiro e Clemilton. **Técnico:** Francisco Lopes.

CONFIANÇA

Campeão sergipano

O TÉCNICO ARGENTINO FOI A SALVAÇÃO

Saiu da Segunda Divisão e arrumou o time

Contratar o treinador campeão da Segunda Divisão de Sergipe pelo Itabaianinha foi a solução que o Confiança encontrou para conquistar o título estadual de 1990. Como se não bastasse, o salvador era um argentino radicado no Nordeste brasileiro: Juan Celly, portenho de Santa Fé, que acreditava poder ser duas vezes campeão estadual no mesmo ano. Dito e feito. Celly substituiu Aylton Rocha, que havia classificado a equipe para o triangular final mas que não convencia o presidente Fernando França. E logo na estréia enfrentou o Sergipe, que tinha se aliado ao adversário Itabaiana para derrubar o popular Confiança.

Somada a última partida da fase de classificação, quando assumiu, aos três jogos do triangular, Juan Celly sentou apenas quatro vezes no banco de reservas. Conseguiu três empates e uma vitória — 1 x 0 sobre o Sergipe, no dia 15 de dezembro. O suficiente para o Confiança festejar o título, que não saboreava desde 1986. E o argentino cumpriu a promessa de colocar duas faixas de campeão em 1990.

O ARTILHEIRO

AUDAIR era ponta-direita, mas do tipo que preferia armar as próprias conclusões a ficar preparando as jogadas para os outros. Portanto, sempre cortava em diagonal em busca do gol adversário. Foi assim que se destacou na pequena cidade de Ribeirópolis. Ele não decepcionou e marcou quinze gols. Saiu-se tão bem que acabou fixado como centroavante.

A CAMPANHA

1.º TURNO (1.ª fase)
Maruiense 0 x Confiança 0
Confiança 0 x Guarany 0
Itabaiana 0 x Confiança 1
Confiança 2 x Santa Cruz 1
Estanciano 0 x Confiança 1
Confiança 3 x Lagarto 1
Amadense 0 x Confiança 1
Confiança 0 x Sergipe 1
2.ª fase
Confiança 0 x Maruiense 1
Guarany 0 x Confiança 0
Confiança 1 x Itabaiana 0
Santa Cruz 0 x Confiança 3
Lagarto 1 x Confiança 0
Confiança 8 x Amadense 2
Confiança 2 x Estanciano 1
Sergipe 1 x Confiança 1
2.º TURNO (1.ª fase)
Confiança 2 x Amadense 0
Estanciano 0 x Confiança 1
Confiança 1 x Santa Cruz 1
Maruiense 1 x Confiança 0
Confiança 0 x Itabaiana 0
Guarany 0 x Confiança 2
Confiança 2 x Lagarto 0
Sergipe 1 x Confiança 3
(2.ª fase)
Amadense 0 x Confiança 0
Confiança 0 x Estanciano 0
Santa Cruz 3 x Confiança 1
Confiança 0 x Maruiense 0
Confiança 0 x Itabaiana 0
Confiança 0 x Guarany 1
Lagarto 2 x Confiança 2
Confiança 1 x Sergipe 1
TRIANGULAR FINAL
Confiança 0 x Itabaiana 0
Confiança 1 x Itabaiana 1
Confiança 1 x Sergipe 0

No triangular, o Confiança pressionou o Itabaiana *(acima)*, mas os dois empates foram suficientes para encaminhar a conquista

CONFIANÇA

Campeão sergipano

Em pé: *Paulo Silva, Marquinhos, Malvinam, Batista, Chicão e Araújo;* agachados: *Audair, Aurélio, Quinha, Váldson e Dudu*

UMA VITÓRIA DA DISCIPLINA

O técnico Paulinho de Almeida afastou craques e ganhou

Ganhar o título do Pará em cima da boa equipe do Paysandu já é louvável. O difícil é fazer isso abrindo mão de jogadores importantes em nome da disciplina. O autor da façanha é o Remo, que largou atrás e, após encontrar o rumo, dispensou o armador Edgar e o ponta-de-lança Jorginho Macapá. O risco valeu a pena. Preservada a harmonia do elenco, o time azul se encheu de força para enfrentar o Paysandu na decisão. Venceu a primeira partida e segurou o empate na segunda.

O Remo não foi mal no primeiro turno. O problema é que seu arquiinimigo estava melhor. Os dirigentes, então, trataram de substituir o técnico Armando Bracali pelo experiente e durão Paulinho de Almeida. Fizeram mais: contrataram o centroavante Totonho, ex-Santos, que na estréia marcou a metade dos gols do 4 x 0 sobre o Pinheirense. Faturado o segundo turno, Paulinho de Almeida afastou Edgar e Jorginho Macapá, ao mesmo tempo em que promovia vários juniores. Podia fazer isso, pois contava com a boa fase de outros calejados jogadores — entre eles o excelente goleiro Vágner e o zagueirão Chico Monte Alegre, o líder da equipe.

Perdeu o terceiro turno, é verdade, mas não decepcionou nas finais. No primeiro jogo, o gol de Helinho, ex-Botafogo, derrubou o Paysandu. No segundo, entrou em cena a especialidade de Paulinho de Almeida, que é a armação de eficientes retrancas. Foi 0 x 0, mas no Mangueirão só se via a agitação das bandeiras azuis.

A DECISÃO

REMO 0 X PAYSANDU 0
14/agosto/90
Local: Mangueirão (Belém); **Juiz:** Ulisses Tavares da Silva; **Renda:** Cr$ 5 309 000; **Público:** 29 708.
REMO: Vágner, Paulo Verdun, Chico Monte Alegre, Tonho e Fofão; Varela, Edmílson e Paulo de Tarso; Tiago (Bebeto), Helinho e Paulo Sérgio (Amaral). **Técnico:** Paulinho de Almeida.
PAYSANDU: Samuel, Paulinho (Edinaldo), Nad, Eduardo e César; Zé Augusto, Mazinho e Arturzinho (Carlos Alberto); Edil, Romário e Miguelzinho. **Técnico:** Givanildo Oliveira.

Fotos Carlos Sodré

Com jogadores menos talentosos e mais adaptados ao esquema, como o volante Varela *(5, à esq.)*, o Remo faturou o segundo turno e soube se garantir na final contra o rival Paysandu

O ARTILHEIRO

***EDGAR** teve uma passagem contraditória pelo Remo: foi o goleador da equipe no campeonato, com oito gols, sete deles marcados de pênalti, mas acabou dispensado no meio do ano pela diretoria. Ela suspeitava de um possível envolvimento dele com os dirigentes do Paysandu. Dono do próprio passe, Edgar realmente fez as malas para o rival, levando a eficiência na cobrança das penalidades para o outro lado. Meio-campo, ele começou no Tuna Luso, em 1988, e agora tem contrato por mais um ano com o Paysandu.*

A CAMPANHA

1.º TURNO
Remo 2 x Santa Rosa 1
Remo 3 x Tiradentes 0
Remo 4 x Independente 0
Remo 2 x Elo Marítimo 1
Remo 1 x Pinheirense 0
Remo 5 x Izabelense 0
Remo 2 x Sport Belém 0
Remo 3 x Tuna Luso 2
Remo 0 x Paysandu 3
Remo 4 x Elo Marítimo 0
Remo 2 x Sport Belém 0
2.º TURNO
Remo 4 x Pinheirense 0
Remo 3 x Tiradentes 1
Remo 2 x Tuna Luso 1
Remo 0 x Paysandu 0
3.º TURNO
Remo 5 x Tiradentes 0
Remo 3 x Pinheirense 0
Remo 0 x Tuna Luso 1
Remo 0 x Paysandu 0
FINAIS
Remo 1 x Paysandu 0
Remo 0 x Paysandu 0

O SUSTO QUE VALEU O TÍTULO

A derrota na primeira rodada trouxe humildade ao time

O ARTILHEIRO

__GILMAR__ Sales Bento joga no meio-campo mas quando sobe ao ataque não deixa dúvidas: faz gols. Marcou quatro dos dezoito do Juventus e confirmou a boa fase. Iniciou a carreira em 1975, com 14 anos, no time amador Esporte de Ouro. Em 1987, antes do profissionalismo se firmar no Estado, foi campeão pelo Atlético Acreano. Aos 29 anos, bicampeão pelo rubro-negro, Gilmar já pensa no tri. Nem precisa ser novamente goleador. Afinal, sua característica maior é a marcação e os lançamentos para os companheiros de ataque.

A CAMPANHA

1.º TURNO
Juventus 0 x Atlético Acreano 2
Juventus 6 x Vasco da Gama 0
Juventus 1 x Independência 1
Juventus 3 x Andirá 1
Juventus 0 x Rio Branco 0
2.º TURNO
Juventus 1 x Andirá 0
Juventus 1 x Atlético Acreano 0
Juventus 2 x Vasco da Gama 1
Juventus 1 x Rio Branco 1
Juventus 0 x Independência 0
TRIANGULAR FINAL
Juventus 2 x Rio Branco 1
Juventus 1 x Atlético Acreano 1

Fotos Agenor Mariano

O goleiro Ilzomar sofreu apenas onze gols em doze jogos: segurança que garantiu a festa do bi *(abaixo)*

Logo no dia 30 de março, na primeira rodada, o Juventus teve a lição que lhe valeu o bicampeonato. Com a confiança de quem conquistara no ano anterior o primeiro campeonato profissional do Acre, o time entrou em campo certo de que estaria começando uma nova caminhada rumo ao título. Resultado: 2 x 0 para o Atlético Acreano. O adversário estava tinindo e nem teve trabalho para conquistar o primeiro turno. Mais humildes, os rubro-negros do Juventus conseguiram se recuperar no returno e partiram em igualdade de condições — um ponto extra — para o triangular final, que tinha ainda a participação do Rio Branco, classificado pelo índice técnico. O tropeço do Atlético diante do próprio Rio Branco deixou o Juventus a um empate do bi. O susto veio com o gol de Papilin aos 29 minutos do segundo tempo. Aos 39, porém, Daniel garantia o título, que até hoje só teve as cores vermelho e preto.

Campeonato maranhense

DEPOIS DE 124 PARTIDAS, CAMPEÃO SÓ EM 1991

O Sampaio Corrêa está a um ponto da conquista

Para chegar ao título, o Sampaio Corrêa nem precisa fazer força: basta que o Moto Clube, o único que pode ameaçá-lo, não consiga realizar a façanha de acumular quatro vitórias em quatro jogos

Com apenas dez equipes e aproximadamente seis meses, a Federação Maranhense de Futebol conseguiu a proeza de realizar 124 partidas e não ter datas para as outras quatro que definiriam o campeão de 1990. Logo, pela primeira vez na história, os torcedores terminam o ano sem conhecer qual a melhor equipe do Estado. O Sampaio Corrêa está por apenas um ponto do título: tem quinze contra oito do Moto Clube — que tem quatro partidas atrasadas e, portanto, pode chegar a dezesseis. Para alcançar esta façanha de 100% de aproveitamento, o Moto precisa ganhar do próprio Sampaio, do Imperatriz, do Bacabal (todos fora de seu estádio) e, finalmente, do Caxiense.

Toda essa *via crucis* daria apenas o terceiro turno ao Moto Clube e o direito de disputar uma melhor de cinco pontos com o próprio Sampaio, campeão dos dois primeiros turnos. O líder ainda entraria com um ponto extra de vantagem. Por tudo isso, a federação ameaçou dar o título ao Sampaio, tamanho seu favoritismo. Mas prevaleceu a tese de que o campeonato deve ser decidido dentro de campo. O Sampaio teve a melhor campanha, ganhando 41 dos 54 pontos disputados e perdendo somente uma partida por WO para o Imperatriz. Seu atacante Fuzuê é o artilheiro, com treze gols, seguido de Zé Roberto, do Moto Clube, com doze.

PLACAR

ENDEREÇOS E TELEFONES

SÃO PAULO
Redação, Publicidade e Correspondência: r. Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04575, Caixa Postal 2372, tel.: (011) 534-5344, Telex (011) 57357, 57359 e 57382, FAX: (011) 534-5638, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Administração**: r. Jaguaretê, 213, Casa Verde, CEP 02515, tel.: (011) 858-4511

ESCRITÓRIOS
BRASIL
Belo Horizonte: av. Marília de Dirceu, 226, 6.º e 7.º andares, Bairro de Lourdes, CEP 30170, tel.: (031) 275-2388, Telex (031) 1085, FAX: (031) 337-2166
Brasília: SCN - Quadra CN 1, Lote C, Edifício Brasília, Trade Center, 14.º e 15.º andares, CEP 70710, tel.: (061) 321-8855, Telex (061) 1464/1136, FAX: (061) 226-7592, Telegramas Abrilpress
Campinas: r. Sacramento, 126, 13.º andar, conj. 131/133, Centro, CEP 13013, tel.: (0192) 33-7100, Telex (0192) 3311, FAX: (0192) 22-3281
Campo Grande: r. Ametista, 85, Coopharádio, CEP 79000, Caixa Postal 57, tel.: (067) 387-3685
Cuiabá: r. Castelo Branco, 123, CEP 78020, Caixa Postal 445, tels.: (065) 321-0821 e 322-7466
Curitiba: r. Fernandes de Barros, 491, 2.º andar, salas 5 e 6, Bairro Alto da Quinze, CEP 80040, tel.: (041) 262-8833, Telex (041) 5278, FAX: (041) 264-7237
Florianópolis: av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 1.º andar, conj. 101, Centro, CEP 88015, tel.: (0482) 22-7826, Telex (0481) 1004, FAX: (0482) 23-5873
Fortaleza: av. Santos Dumont, 3060, salas 418/420/422, Aldeota, CEP 60150, tel.: (085) 244-0410, Telex (085) 1607
Goiânia: r. 25, n.º 55, Setor Marista, CEP 7410, tel.: (062) 252-1915
João Pessoa: av. Epitácio Pessoa, 201, sala 206, Centro, João Pessoa - PB, tel.: (083) 221-9328
Novo Hamburgo: av. Bento Gonçalves, 2537, 7.º andar, sala 704, CEP 93510, tel.: (0512) 93-9891
Porto Alegre: av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 e 308, Bairro Menino Deus, CEP 90060, tel.: (0512) 32-2899, Telex (051) 1092, Telegramas: Abrilpress, FAX: (0512) 33-7198
Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, conj. 901 a 904, Bairro São José, CEP 50020, tel.: (081) 424-3333, Telex (081) 1184, FAX: (081) 424-3896
Ribeirão Preto: av. Presidente Vargas, 1033, Alto da Boa Vista, CEP 14020, tels.: (016) 623-4262/4291, Telex (016) 4457, FAX: (016) 623-2769
Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andar, Botafogo, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex (021) 22674, FAX: (021) 275-9347, Telegramas: Editabril/Abrilpress
Salvador: av. Tancredo Neves, 1283, Edifício Omega, 3.º e 5.º andares, salas 303 e 502, Bairro Pituba, tel.: (071) 371-4999, Telex (071) 1180, FAX: (071) 371-5583
São José dos Campos: r. Francisco Berling, 143, Centro, CEP 12245, tel.: (0123) 21-1126

EXTERIOR
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, NBR 3403, New York, N.Y. 10165/3403, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • GUIA RURAL
ALMANAQUE ABRIL • SUPERINTERESSANTE

Economia e Negócios
EXAME

Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS

Esportes
A SEMANA EM AÇÃO • PLACAR

Masculinas
PLAYBOY

Femininas
CLAUDIA • CLAUDIA MODA • ELLE • NOVA MANEQUIM • MONTRICOT • CAPRICHO
MÁXIMA

Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA
ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

PUBLICAÇÕES DA EDITORA AZUL
BIZZ • BOA FORMA • BODYBOARD
CARÍCIA • CONTIGO • FLUIR • HORÓSCOPO
INTERVIEW • SAÚDE • SET • SEMANÁRIO
SKATING

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL JOVEM
PATODONALD • MICKEY • ZÉ CARIOCA
TIO PATINHAS • MARGARIDA • URTIGÃO
DISNEYLÂNDIA • ALMANAQUE DISNEY
SELEÇÃO DISNEY • EDIÇÃO EXTRA
DISNEY ESPECIAL • ALEGRIA ESPECIAL
BRINQUE COMIGO • MINI CRUZADAS
LIGA DA JUSTIÇA • GRAPHIC MARVEL
SUPER-HOMEM • SUPERAVENTURAS MARVEL
HOMEM ARANHA • HULK • OS CAÇADORES
SPIRIT • GROO • CONAN REI • STORM
CONFLITO DO VIETNÃ • GRAPHIC NOVEL
CONAN • MENINO MALUQUINHO
TOM E JERRY • BOLINHA • LULUZINHA
OS TRAPALHÕES • ALMANAQUE DO GUGU

PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA
NOVA ESCOLA • SALA DE AULA

Vibrei com a edição extra de PLACAR e o poster gigante do Timão. Assim que chegou aqui em minha cidade, foi mais um gol! O Corinthians mereceu esta homenagem da revista mais querida, celebrando uma campanha gloriosa. Parabéns. Agora, uma cobrança: quando sai a Edição dos Campeões, que sempre foi um dos marcos de PLACAR?

João Francisco Rodrigues
Bauru, SP

Com a final do Campeonato Brasileiro, dando o Timão na cabeça, PLACAR não vai saudar a Fiel com uma super-revista do campeão?

Wanderley Ribas
São Paulo, SP

A revista comemorando os cinqüenta anos do Rei Pelé foi um verdadeiro gol de placa, bem à altura de PLACAR. Agora só falta mesmo a coleção com os posters de todos os campeões, com que PLACAR sempre surpreendia logo depois da temporada. Vamos ter dessa vez?

Rubens Pelegrino
Ponta Grossa, PR

Agora que o futebol voltou a aquecer as turbinas, como é que ficam os torcedores? Vamos ter uma revista de fim de ano, com o super-Timão?

Celso Ungaretti
São José dos Campos, SP

Os torcedores do Corinthians tiveram seu poster gigante. E nós, da mais entusiasmada torcida do Brasil, como ficamos? O Flamengo também merece!

Justino B. Marinho
Rio de Janeiro, RJ

O Corinthians campeão mereceu uma edição extra de PLACAR, com poster gigante. E os torcedores do Grêmio, não vão ter uma lembrança do querido tricolor?

Édson Bertoncello
Esteio, RS

Esta "Edição dos Campeões" já é uma resposta aos milhares de pedidos que recebemos de torcedores de todo o Brasil. Ela marca a volta de PLACAR, a "Bíblia do futebol", agora como uma revista mensal. Sugestões, dicas, críticas serão sempre bem-vindas. É só escrever para Revista PLACAR, Caixa Postal 2372, CEP 01051, São Paulo, SP.

RADIAIS PASSEIO FIRESTONE.
ONDE A VIDA RODA MELHOR.
A sua segurança e de sua família estão acima de tudo. Por isso, quando você está no trânsito ou na estrada é preciso confiar nos pneus do seu veículo. Eles são seu único contato com a pista.
A Firestone sabe o quanto significa o direito de você e de sua família irem e virem com segurança, e continua na ponta em pesquisas, testes e desenvolvimento de pneus para cada tipo de aplicação, aperfeiçoando, cada vez mais, sua sinergia com os veículos e com as condições das ruas e estradas brasileiras. Assim, a Firestone põe à sua disposição pneus de qualidade superior, mais seguros, resistentes e com desempenho avançado.
Radiais Passeio Firestone. Com eles a vida roda melhor.
Firehawk 660
Radial esportivo de série rebaixada. Limite de velocidade de até 210 km/h.
F-560
Radial turismo. Mais macio e ainda mais durável e seguro.
T&C Asymmetric
Radial para percursos mistos. Confortável no asfalto e agressivo na terra.
Sherpa Rallye
Radial para competições on/off road. Ágil e resistente, com muita garra.
CV-2000
Radial para furgões de carga com excelente índice de recapabilidade.
Firestone
A VIDA RODA MELHOR NUM FIRESTONE.